

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LAZER

MATEUS ALEXANDRE SILVA

**O FUTEBOL COMO VIVÊNCIA DE LAZER DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO
EM CIDADES PEQUENAS DO INTERIOR DE MINAS GERAIS**

Belo Horizonte - MG

2019

MATEUS ALEXANDRE SILVA

**O FUTEBOL COMO VIVÊNCIA DE LAZER DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO
EM CIDADES PEQUENAS DO INTERIOR DE MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva.

Linha de Pesquisa: Identidade, Sociabilidades e Práticas de Lazer.

Belo Horizonte - MG

2019

S586f Silva, Mateus Alexandre
2019 O futebol como vivência de lazer de estudantes do ensino médio em cidades pequenas do interior de Minas Gerais. [manuscrito] / Mateus Alexandre Silva – 2019.
90 f., enc.: il.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 11-79

1. Futebol – Teses. 2. Lazer – Teses. 3. Estudantes – Teses. 4. Adolescentes – Teses. I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: n° 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



ATA DA 144ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO

MATEUS ALEXANDRE SILVA

Às 09h00min do dia 12 de julho de 2019 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “*O futebol como vivência de lazer de estudantes do ensino médio em cidades pequenas do interior de Minas Gerais*”, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)	X	
Prof. Dr. Rogério Santos Pereira (UFSC)	X	
Prof. Dr. Rafael Fortes Soares (UFMG)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: Aprovado

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 12 de julho de 2019.

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Prof. Dr. Rogério Santos Pereira

Prof. Dr. Rafael Fortes Soares

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao povo brasileiro, que financiou os meus estudos, permitindo que eu me dedicasse em tempo integral à labuta da aventura de ser pesquisador.

Aos alunos e funcionários das seis escolas participantes dessa pesquisa, que, com a sua voluntariedade e receptividade, contribuíram fundamentalmente para a realização desta pesquisa.

À minha mãe, Fatinha, e à minha esposa, Karin, que são duas mulheres fundamentais, nas quais eu encontro todo o suporte e amor necessários para continuar a minha caminhada.

Ao meu pai, Caburé, às minhas irmãs, Tatiane e Ana, ao meu sobrinho, João, e ao meu padasto, Osvaldo, que sempre confiaram em mim e me deram suporte para chegar até aqui.

Ao Silvio, pela orientação e pelos milhares de conselhos cariocas e metodológicos, que contribuíram intensamente na minha postura acadêmica, política e social.

Ao Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas – GEFuT, onde me senti acolhido desde a minha chegada, recebendo confiança para participar dos projetos, expressar a minha opinião, representando uma fonte de aprendizado e um espaço que se tornou a minha segunda casa.

À turma do mestrado, que é um porto seguro em todos os momentos, onde a recíproca foi a tônica para percorrermos juntos essa etapa.

Ao Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, ao corpo docente e ao Danilo, que muito contribuíram para a conclusão desse ciclo.

Às pessoas que participaram da minha caminhada até aqui, aos colegas “agriculinos” de Bambuí, aos colegas da graduação em São João del-Rei e aos amigos de Quartel Geral e Paineiras, que também são pilares da minha jornada.

A todos vocês, os meus sinceros agradecimentos!

“Mas lendo atingi o bom senso”

– Tim Maia

*Lendo atingi mais que o bom senso, lendo caminhei para além do que um dia
imaginei ou imaginaram para mim.*

*Caminhando descobri que nem todos tem bom senso, que alguns presam por
si e por mais ninguém.*

*Muitos não leem, não caminham e sequer imaginam, porque alguns os fazem
acreditar que não o podem.*

*É necessário lutarmos juntos para que todos conheçam e exerçam o seu direito
de acesso ao conhecimento e à universidade, por muitos enxergada através de
uma redoma.*

*É necessário lutarmos juntos para quebrar este paradigma, fazendo com que
todos reconheçam as possibilidades e saibam como aproveitá-las.*

*Que nunca nos falte bom senso para lutar e derrubar as barreiras e os “alguns”
que as impõem.*

– Mateus Alexandre Silva

RESUMO

A presente investigação objetiva analisar o futebol como uma vivência de lazer na rotina de estudantes do ensino médio de seis cidades do interior de Minas Gerais com menos de cinco mil habitantes. Intenta-se conhecer as vivências praticadas e fruídas com o futebol e o tempo a ele destinado como lazer, analisar as condições de acesso às vivências do futebol, bem como entender o estabelecimento da relação destes estudantes com o torcer. Como método, foi aplicado um questionário estruturado para alunos de seis escolas estaduais do centro-oeste mineiro, no segundo semestre de 2018. Os dados coletados foram tratados via *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), cotejados com a bibliografia selecionada e interpretados pautando-se na divisão em quatro categorias de análise: jogar futebol; torcer; assistir futebol na TV; e futebol virtual. Nos resultados obtidos, o futebol se mostrou presente como umas das principais vivências de lazer dos jovens, havendo, entretanto, uma disparidade desfavorável às respondentes do sexo feminino no que condiz à ocupação de espaços de jogo, tanto real quanto virtual. O torcer, por sua vez, aparece em igual proporção para ambos, revelando-se distante das arquibancadas, sendo a TV o principal elo entre time e torcedores. Por fim, espaços públicos, mais especificamente campos, quadras e escolas, aparecem, frequentemente, como cenários mais utilizados para a prática do futebol. Já em relação ao futebol virtual, o uso de equipamentos próprios, no ambiente doméstico, se destaca.

Palavras-chave: Futebol. Lazer. Cidades Pequenas. Estudantes.

ABSTRACT

The present study aims to analyze football as one of the main leisure experiences in the routine of high school students in six countryside cities of Minas Gerais, with less than five thousand inhabitants. It is tries to know the experiences practiced and enjoyed with football and its dedicated time as leisure, to analyze the access conditions to football experiences, as well as to understand the establishment of the relationship of these students while football supporters. As a method, a structured questionnaire was applied to students from six state schools in the center-west of Minas Gerais, in the second half of 2018. The collected data were treated using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS), compared to the selected bibliography and interpreted according to the division into 4 football related categories of analysis: playing; supporting; watching on TV; and playing virtual games. In the obtained results, football was present as one of the main leisure experiences of the youngsters, but there was an unfavorable disparity between female respondents in terms of the occupation of real and virtual spaces. Football supporters, in turn, appears in equal proportion for both, male and female, revealing itself far from the stadiums, being TV, the main link between the team and its supporters. At last, public spaces, more specifically fields, courts and schools, often appear as the main scenarios for football practice. As per playing virtual football games, the use of personal equipment, in the domestic environment, stands out.

Keywords: Football. Leisure. Small Cities. Students.

RESUMEN

Este estudio investigó el fútbol como una vivencia del ocio en la cotidianidad de estudiantes de secundaria de seis ciudades del interior de Minas Gerais con menos de cinco mil habitantes, con el objetivo de conocer cuáles son las vivencias practicadas/tenidas con el fútbol; conocer el tiempo destinado al fútbol como vivencia de ocio; analizar las condiciones de acceso a las vivencias practicadas e tenidas del fútbol; y conocer cómo se establece la relación de estos estudiantes con la afición. La recolección de datos fue realizada con la aplicación de un cuestionario estructurado para alumnos de seis escuelas estatales, en el segundo semestre de 2018. Los datos fueron tratados con el *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) y posteriormente cotejados con la bibliografía estudiada, por separado en 4 partes: jugar fútbol; la afición; mirar el fútbol en la televisión; y el fútbol virtual. En los resultados obtenidos, el fútbol se mostró presente como una vivencia de ocio de los jóvenes, habiendo una disparidad desfavorable a las chicas en lo que se refiere a la ocupación de los espacios de juego, real o virtual. En el contexto estudiado, la afición se mostró alejada de los estadios y, la televisión, aparece como lo principal vehículo de aproximación entre el equipo y el aficionado.

Palabras clave: Fútbol. Ocio. Ciudades Pequeñas. Estudiantes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Recorte geográfico do Estado de Minas Gerais, situando as cidades estudadas em relação à capital do Estado e as vias de acesso entre as mesmas ... 16

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Você faz algum curso além do Ensino Médio?.....	34
Tabela 2 - Além do seu tempo na escola, quanto tempo você se dedica aos estudos semanalmente?	35
Tabela 3 - Se você realiza alguma atividade remunerada, por quantas horas semanais você se dedica a ela?	36
Tabela 4 - Quantas horas da sua semana você dedica ao seu lazer?	38
Tabela 5 - Em quais dias da semana se concentram as suas atividades de lazer? ..	38
Tabela 6 - O futebol é uma das suas principais vivências de lazer?	44
Tabela 7 - Você joga futebol ou futsal?	45
Tabela 8 - Onde você joga futebol?	47
Tabela 9 - Onde você pratica futebol ou futsal? - Campo/Quadra	48
Tabela 10 - Para vivenciar suas práticas relacionadas ao futebol, você:	50
Tabela 11 - Onde você pratica futebol ou futsal? - Escola	51
Tabela 12 - Quanto tempo dura a sua prática envolvendo o futebol?	51
Tabela 13 - Você torce por algum time de futebol?	54
Tabela 14 - Quais as dificuldades que você encontra para acompanhar seu time no estádio?.....	55
Tabela 15 - Você já foi a um estádio para assistir a uma partida de futebol de liga profissional?	57
Tabela 16 - Como você acompanha seu time?	58
Tabela 17 - Você assiste futebol na TV?.....	60

Tabela 18 - Você tem hábito de se reunir com outras pessoas para assistir jogos fora de casa e do estádio?	60
Tabela 19 - Quais jogos você assiste com maior frequência na TV?	61
Tabela 20 - Quanto tempo você dedica a assistir futebol na TV?	62
Tabela 21 - Você joga jogos eletrônicos relacionados ao futebol?.....	64
Tabela 22 – “Você joga futebol ou futsal?” x “Você joga jogos eletrônicos relacionados ao futebol?”	66
Tabela 23 - "Você joga futebol ou futsal?" x "Você joga jogos eletrônicos relacionados ao futebol?"	66
Tabela 24 - Onde você joga futebol virtual?	67
Tabela 25 - Quais tipos de equipamentos você usa para jogar futebol virtual?	68
Tabela 26 - Quanto tempo você dedica aos jogos virtuais com a temática futebol? .	69

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – AQUECIMENTO.....	11
1.1 Introdução	11
1.2 O campo contextualizado.....	14
1.3 Os equipamentos de lazer nas cidades em estudo	24
1.4 Percurso metodológico.....	26
CAPÍTULO II - A ESCALAÇÃO	31
2.1 Os jovens	31
2.2 Os estudantes e suas ocupações	33
CAPÍTULO III - BOLA EM JOGO	40
3.1 Aspectos gerais do futebol	40
3.2 Jogar futebol: a bola no pé é o que interessa.....	42
3.3 O torcer dos estudantes no campo estudado.....	52
3.4 O futebol na TV: para além do torcer	59
3.5 O futebol virtual: uma vivência real em uma projeção	62
CAPÍTULO IV - ACRÉSCIMOS.....	71
4.1 Conclusão	71
REFERENCIAS.....	75
APÊNDICES.....	80
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	80
APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	84
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	86
APÊNDICE D – DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO NA PESQUISA.....	88

CAPÍTULO I - AQUECIMENTO

1.1 Introdução

O lazer de uma sociedade é um fenômeno amplo e, para conhecê-lo, requer um trabalho complexo, dependente de várias abordagens. Partindo inicialmente das minhas memórias, elaborei um projeto no qual, durante a minha vinculação ao Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer – PPGIEL, na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, no segundo semestre do ano de 2018, coletei dados dos hábitos de lazer de estudantes do Ensino Médio, via aplicação de questionário, para conhecer a presença do futebol como vivência de lazer em seis cidades do interior de Minas Gerais (MG).

Nasci no ano de 1986 em Quartel Geral, um município do interior de Minas Gerais que atualmente possui 3315 habitantes. Tive minhas experiências de lazer de acordo com o que era oferecido pelo município e também pelas possibilidades da minha família. Morei na cidade até meus 15 anos e, falando especificamente das vivências de lazer, nada saía das ações da esfera pública.

Os movimentos culturais mais expressivos, em sua maioria, tinham e têm como promotores a Igreja Católica, organizadora das duas grandes festas do calendário anual do município (festa do padroeiro, que movimenta um final de semana no mês de maio, e a festa de Nossa Senhora do Rosário, que tem duração de quatro dias no mês de julho), que transcendem a motivação espiritual, configurando-se como espaço de encontros e reencontros com familiares que residem em outros lugares. Além disso, também têm as Folias de Reis, que acontecem entre os dias 25 de dezembro e 06 de janeiro, com um impacto menor devido à sua dinâmica itinerante e por não “parar” a cidade durante sua realização.

Outra parcela dos eventos tinha a prefeitura municipal como matriz de subsídios, principalmente pela disponibilização de seus espaços e de alguns recursos para a realização de eventos. Com o passar dos anos, nem todas as ações com a participação da prefeitura municipal tiveram a continuidade que os eventos realizados pela Igreja ainda têm. Dos mais representativos, o carnaval, que acompanha a data católica, um movimento similar ao mesmo, que acontecia na orla

da extinta lagoa¹ da cidade no feriado de 07 de setembro, e a festa do peão de rodeio foram os eventos que se repetiram por mais vezes. Mesmo não sendo constante as suas realizações, marcavam seu espaço e tinham apelo populacional quando ocorriam. Ainda com subsídios da prefeitura, os distritos de Campo Alegre, Japão e Quartel de São João organizavam as suas festas comunitárias que também atraíam uma parcela considerável da população.

Fora do dualismo Igreja/prefeitura, a cidade era marcada pela presença de alguns bares, em sua maioria de estruturas precárias, onde pequenos grupos se encontravam. Outro espaço que tinha uma adesão considerável nas noites de sexta, sábado e domingo era a “churrascaria”, que, apesar de não comercializar churrasco ou ter atividades de restaurante, assim era chamada pela população. Esse espaço destoava dos demais, pois tinha um bar e salão de dança, com globo giratório, luzes e música alta, tendo a entrada garantida mediante ao pagamento de um ingresso.

Outros espaços que proporcionavam o lazer da população vinham também da esfera pública. A biblioteca municipal tinha por característica estar situada dentro da escola, sendo um espaço praticamente de uso dos alunos, não tendo, eu, recordações de frequentar e ver pessoas que não estavam envolvidas com a escola fazendo o uso da mesma. A cidade não dispunha de outros equipamentos, como, por exemplo, cinema, estação de rádio local, clubes de lazer, parques, ou mesmo a internet de fácil acesso. Dos meios de comunicação, além das ondas do rádio, a prefeitura disponibilizava a retransmissão de canais abertos, via estrutura construída no início da década de 1980, em que eram oferecidos não mais que três ou quatro canais.

Das estruturas esportivas, o município dispunha de uma quadra de areia na beira da lagoa da cidade, um ginásio poliesportivo coberto, um campo de futebol sem grama e um campo estruturado com grama, alambrado, arquibancada, vestiários e banheiros. O acesso a esses espaços se dava sem nenhum custo para os usuários e o futebol era a atividade que predominava nos campos e nas quadras, onde, em sua maioria, eram ocupados por jogadores do sexo masculino de várias idades. O uso dos mesmos se dava mediante a reserva feita juntamente ao encarregado dos espaços – no caso do ginásio, para ter o seu horário, e do campo

¹ Até meados da década de 2010 a lagoa da cidade era um marco cultural da cidade, sendo ponto de encontro para a população entre outras atividades. Após esse período ela secou totalmente e em 2018 a prefeitura municipal iniciou um projeto na tentativa de reabastecer suas águas.

com grama, geralmente, para jogar no “time do Silvio” ou no “time do Sargento”. Para os demais espaços, a organização se dava na base “do quem chegar primeiro” para jogar.

O futebol era parte da rotina da cidade. Além das vivências nos lugares formalizados citados, a rua era um espaço que não impunha muitas barreiras para que acontecessem alguns jogos entre as crianças da vizinhança, com o uso do “golzinho de chinelo” e suas regras peculiares. Os terrenos vazios eram também espaços utilizados para a prática do futebol, algumas vezes composto por um gol construído com bambus ou madeiras de sobra da construção civil, simulando o espaço da grande área do futebol de campo, ou também terrenos mais periféricos, que abarcava a construção de um espaço similar ao formal para a prática do jogo.

Apesar do apelo pelo futebol ser uma atividade marcante no período descrito, um ponto em destaque, indiscriminadamente do espaço observado, era a baixa ou nula participação das mulheres nos jogos e brincadeiras do futebol. O que se observava era a presença delas nas arquibancadas durante os jogos de campeonatos ou nos amistosos contra equipes de outras cidades.

As minhas vivências não são uma tradução fiel do todo, porém, mostram muito do que havia disponível para a população da cidade em questão. Partindo para uma observação mais ampla, direcionando para as cidades estudadas, minhas vivências são apenas uma fração de uma realidade local que serviram de inspiração para conhecer o contexto atual do futebol como vivência de lazer dos estudantes do ensino médio dessa região.

No segundo semestre de 2018, período em que foram coletados os dados para realização desse estudo, já havia se passado um período de 16 anos que eu estava fora da rotina diária da cidade de Quartel Geral e da região. Muitas das impressões anteriores não se repetem atualmente e, quando elas se repetem, carregam traços culturais adaptados ao tempo presente.

Fazendo uma projeção das minhas vivências passadas no contexto atual, pode-se imaginar que alguns dificultadores da época foram, atualmente, suavizados pela tecnologia. Não existiam lojas especializadas em materiais esportivos na cidade, sendo preciso ir a outro município para comprá-los. Hoje, elas estão a um “clique” de distância, dentro das lojas virtuais, sem a necessidade de sair de casa para adquirir sua chuteira, bola, tênis e qualquer outro material necessário para praticar esportes. Outro ponto que foi afetado pela tecnologia remontou ao conceito

de informação. Se, antes, para saber notícias do meu time ou do futebol em geral, contava com a escassa disponibilidade de programas esportivos nos canais abertos ofertados e do rádio, hoje, com a popularização da internet, a disponibilidade de conteúdo cresceu e, nas diversas plataformas, estão ao alcance da mão.

A tecnologia também ampliou o acesso ao entretenimento. Para assistir a filmes, até algum tempo atrás, era necessário esperar a disponibilidade na TV aberta, enquanto, hoje, existem plataformas de *streaming* com milhares de filmes e conteúdos de vídeo, alguns mediante a uma assinatura, bem como canais específicos com esse tipo de conteúdo. Também embarcaram nessa evolução os jogos digitais, que saíram de um patamar em que a maioria dos jogos eram representações de desenhos em formato 2D com limitações de movimento e chegando a cópias fiéis de aparência e movimento, onde o jogar transcende não só a emulação do jogo real dentro de campo, mas inclui tomadas de decisão envolvendo a carreira do jogador ou de um time, no caso dos jogos de futebol virtual.

Certo das impressões deixadas pelas vivências pessoais e das várias mudanças ocorridas até os dias atuais, principalmente nas possibilidades do futebol como vivência de lazer, extrapolando o limite municipal e investigando um contexto mais amplo, incluindo cidades vizinhas com um perfil populacional muito parecido, esse estudo buscou analisar a atual relação dos estudantes do ensino médio habitantes de seis cidades com até 5.000 habitantes no centro oeste de Minas Gerais com futebol como vivência lazer; mais objetivamente, conhecer quais as vivências praticadas/fruídas por eles, tendo o futebol como substrato; conhecer o tempo destinado ao futebol como vivência de lazer e quais as condições de acesso às vivências praticadas e fruídas do futebol no contexto estudado.

1.2 O campo contextualizado

No caminho percorrido na busca pelas respostas por trás dos objetivos, faz-se necessária uma delineação do campo em que o estudo foi desenvolvido. Conhecer o espaço onde o fenômeno estudado acontece contribui para as interpretações que os dados coletados proporcionarão.

Tendo determinado que as cidades pesquisadas se limitem a uma população máxima de 5.000 habitantes, ao realizar o levantamento da bibliografia, não foi encontrado nenhum trabalho que aborde especificamente esses espaços em Minas

Gerais no que diz respeito aos objetivos desta pesquisa. O que predomina são trabalhos estatísticos, que, em algumas situações, dividem as cidades em blocos populacionais, não sendo encontrados materiais que limitem sua atenção apenas a esses municípios.

O contexto social e cultural desses locais destoa de cidades com contingente populacional maior, fazendo com que, na maioria dos casos, a multiplicidade social dos municípios maiores seja foco de um grande número de estudos, devido à complexidade dos fatos ocorridos nesses mesmos espaços. Nogueira (2016) aponta que as grandes cidades predominam como objeto da atenção dos estudiosos das ciências sociais, diante de todo o contexto social e estrutural que movimentam. Em contrapartida, a autora afirma que, para além do contexto citadino, as cidades pequenas mantêm vivo um elo com o rural, envolvendo várias dimensões econômicas e sociais, sendo, assim, uma problemática não menos complexa. É válido frisar que, dentro de qualquer contexto (cidades grandes ou pequenas), se encontra substrato para desenvolver estudos de diferentes formas, acima do dualismo equivocadamente grande/moderno x pequeno/ultrapassado, que, geralmente, rondam as impressões sobre esses locais.

Antes de concordar com determinismos, faz-se importante entender que qualquer aglomeração populacional é produtora de cultura e de conteúdos sociais, entretanto, cada dimensão e metodologia de análise pode proferir resultados distintos, não cabendo juízo de valor. “O enfoque territorial permite pensar o desenvolvimento para além dos grandes centros urbanos, onde pequenos municípios são estrelas de uma constelação” (VERDE, 2004, p. 05), desta forma, abrindo espaço para outras linhas de estudo.

As peculiaridades até aqui apresentadas levam à constituição de um território que apresenta singularidades coletivas e nas quais a pesquisa se debruça. Para melhor entendimento deste conceito e o espaço onde ele se dá, cabe demarcar as noções de território adotadas neste estudo, aqui entendidos como na definição de Santos (1999, p. 01), sendo “o lugar onde se desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”.

Ao mesmo tempo, é importante frisar que “o espaço e o território não podem ser dissociados, pois enquanto o primeiro se faz necessário para demarcar a

existência do segundo, este último é a condição para que o espaço se humanize” (MEDEIROS, 2009, p. 217).

No território estudado, que é a soma de seis cidades, em muitos aspectos, elas não se diferem umas das outras, principalmente por estarem localizadas próximas, em uma mesma região. Elas carregam, em seu cotidiano, características regionais, estruturais e culturais, o que não quer dizer que sejam idênticas, mas, sim, similares em alguns padrões.

Figura 1 - Recorte geográfico do Estado de Minas Gerais, situando as cidades estudadas em relação à capital do Estado e as vias de acesso entre as mesmas



Fonte: Adaptado de: <http://www.dnit.gov.br/download/mapas-multimodais/mapas-multimodais/mg.pdf>

Para situar essa discussão acerca dos pequenos municípios, a presente pesquisa foi realizada na região centro-oeste do estado de Minas Gerais, no Alto São Francisco, contemplando seis municípios com menos de 5.000 habitantes, situados na margem leste do Rio Indaia, nas imediações da Serra da Saudade. As

idades² têm limites municipais entre si com ao menos uma das demais do grupo e não mais que duas. No sentido nascente-foz do rio, estão dispostas na seguinte ordem: Estrela do Indaiá, Serra da Saudade, Quartel Geral, Cedro do Abaeté, Paineiras e Biquinhas. A escolha por essas cidades teve como critérios: a proximidade entre elas; a faixa populacional que comportam; e a existência de apenas uma escola de ensino médio em cada uma delas.

Essas cidades se enquadram na classificação de Corrêa (2011, p. 07) no que tange às cidades pequenas e assim serão chamadas neste estudo. Para o autor, “as pequenas cidades, centros locais que temos em mente, dificilmente ultrapassam 20-30.000 habitantes”. Dentro das suas individualidades, esses municípios, embora diversos, podem apresentar algumas características em comum, principalmente no que remete ao modo de vida da população e suas relações. Essas características assim foram classificadas:

- i) apresentam forte ligação com o modo de vida rural; ii) há nesses lugares elevado grau de proximidade e conhecimento mútuo entre os moradores; iii) a tranquilidade é uma característica e qualidade predominante nas pequenas cidades; iv) não há consideráveis movimentações de veículos e pessoas; v) dependem das cidades melhores equipadas das redes urbanas regionais que estão inseridas para o provimento de algumas necessidades básicas da população (ALVES; MELO; SOARES, 2008, p. 08).

Conhecidos os apontamentos sobre as cidades pequenas, o fato de eu ter nascido em uma das cidades pesquisadas e ter uma incursão mínima nas demais, em comparação com centros maiores, como Belo Horizonte, por exemplo, esses pontos ficam evidentes em alguma medida e devem ser considerados fundamentais no processo e nos resultados desse estudo.

Cidades pequenas como as observadas no trabalho podem proporcionar ao pesquisador uma sensação de abrangência e um tom de onipresença ao coletar dados. A proximidade física das casas e das pessoas, aliada ao baixo número de ambas, pode proporcionar poucos fatos dispersos e geralmente não simultâneos. As circunstâncias para se viver em lugares onde a “sociabilidade é largamente condicionada pela pessoalização” proporcionam aos locais a inclusão em um “ambiente social em que o alto grau de proximidade produz a visibilidade inevitável”,

² Cidade e Município nesse trabalho se equivalem, embora eles sejam diferentes: a classificação do IBGE (2017) reconhece Município como toda a extensão territorial demarcada e Cidade é a denominação dada ao distrito-sede.

que, ao mesmo tempo, gera uma integração e intensificação de suas relações (CANIELLO, 2003).

A limitação populacional do campo estudado pode indicar uma troca intensa e direta de informações, fazendo de variados espaços um centro de convivência informal para os moradores. Alguns pontos em comum, como bancos, praças, mercados, escolas, bares e até mesmo a rua, acabam sendo mais que estabelecimentos para atender as demandas específicas, podendo se tornar locais de ponto de trocas culturais e impressões sobre o cotidiano, naturalizado e tratado com familiaridade, chamados, algumas vezes, de “o banco”, “na rua da farmácia”, “a escola”.

Em cidades maiores, essas mesmas situações de encontro podem não acontecer de maneira corriqueira, o número desses pontos em comum são substancialmente maiores e também o número de pessoas, gerando uma impessoalização no convívio, onde, ao invés de o cliente ser tratado pelo nome ou apelido, é, em algumas circunstâncias, chamado pelo número da senha de espera ou pela colocação em uma fila.

Em vias de exemplificação, Lefebvre (1999, p. 28), ao falar das grandes cidades e as suas ruas, evidencia a diferença entre as situações na constituição do urbano. Segundo o autor, numa cidade de maior porte, a “rua é um lugar onde se caminha lado a lado, não se encontra”. Porém, no contexto geográfico estudado, as condições que são oferecidas pela rua vão além de se caminhar entre as pessoas, pois, fatalmente, em uma breve caminhada, o indivíduo encontrará amigos, familiares, vizinhos ou poderá até identificar um indivíduo que não faz parte daquela sociedade. Por outro lado, Williams (1989, p. 229), ao falar das relações nas comunidades, aponta que “com frequência a comunidade rural é descrita como o epítome dos relacionamentos diretos [...], onde os seus habitantes são facilmente identificáveis e interligados”.

Acerca da dimensão do rural atual, é importante ressaltar que, para quebrar alguns equívocos, ao envolver o contexto rural no estudo das cidades, faz-se necessária uma linha de entendimento nesta discussão.

O termo rural sobressai ao que está diretamente ligado simplesmente às atividades agrárias. Verde (2004, p. 10) aponta que, “entre o meio rural e o meio urbano, existe uma multiplicidade de situações: desde a habitação rural isolada até a

grande cidade, existem inúmeros escalões intermediários, que vão criando uma transição”.

Logo, entende-se que, dentro desse *roll* de possibilidades, é justo reconhecer áreas “rurais” usando tecnologia de ponta e “cidades” com defasagem tecnológica. Corroborando as afirmações levantadas, assim propõe Schneider (2009, p. 08):

Embora não exista acordo em relação ao modo de classificar e definir o conteúdo e a extensão da ruralidade, há consenso de que os processos sociais, as dinâmicas econômicas (produtivas e tecnológicas) e os traços culturais que ocorrem no espaço rural são fluídos, permeáveis, transpassados e de algum modo integrados à sociedade contemporânea. Portanto, aquela idéia de associar o rural ao atrasado, ao isolamento ou a tradição e o urbano ao progresso, à integração e à modernidade perderam seu sentido.

O vínculo entre o rural e o urbano, como visto, pode ser mesclado em várias proporções, não reconhecendo limites independentemente do tamanho da cidade em que se observa essa relação. Porém, no entendimento de Corrêa (2011), as pequenas cidades têm marcas mais significativas na sua relação com o rural. Para ele:

A pequena cidade é entendida como um núcleo de povoamento no qual certa parte da população está engajada em atividades ligadas à transformação e circulação de mercadorias e prestação de serviços. A parte da população engajada em atividades agrárias é maior ou menor e isto pode levar a se pensar em um “continuum” rural-urbano, sem um rígido limite entre núcleos urbanos e núcleos rurais, nestes casos podendo-se falar em habitat rural concentrado (CORRÊA, 2011, p. 06).

Dentro das múltiplas possibilidades entre os dois extremos apontados, este estudo se apoia nos apontamentos de Verde (2004, p. 07) para fazer uso do termo rural. Entende-se que o “rural, vai além do agrário, ou seja, da economia agrícola, envolve quatro dimensões essenciais para a sua compreensão: uma espacial; uma ambiental; uma demográfica; e uma cultural”. A autora ainda reforça que a combinação das quatro dimensões citadas é o ponto norteador para a análise desse contexto rural e, por conseguinte, a ruralidade.

A proximidade de alguns elementos pode ser o ponto de partida para a qualificação ou não de cidade, o contingente populacional não é suficiente para suprir as questões do comportamento da população, logo não deve engessar as

discussões e análises sobre o tema, pois a vida de relações presentes no local deve definir seu contexto urbano ou rural (MESQUITA; MENDES, 2014).

A estrutura física das cidades que participam dessa pesquisa é muito similar: olhando para um todo não há discrepância significativa entre área central e a área periférica, nem no que diz respeito à paisagem e nem ao comportamento da população. Estas cidades não contam com grandes edifícios, as residências, em sua maioria, são casas de um só pavimento. Predominantemente, as ruas são asfaltadas ou calçadas (com pedras ou paralelepípedos), não tendo um fluxo muito grande de veículos, com pessoas caminhando pelo meio da rua ou andando de bicicleta.

Assim como em outras regiões, ao levar em consideração um dado que não somente a demografia, as cidades estudadas estão em situação de dependência de municípios maiores, que se tornam fontes de trabalho, mais opções comerciais e de acesso a serviços específicos da área da saúde. As localidades mais próximas e que oferecem essas opções são: Dolores do Indaiá, Abaeté, Martinho Campos, Luz, Bom Despacho e Divinópolis (que é a maior cidade da região). Na ótica desse parâmetro, os municípios estudados são classificados como “pequenos em uma escala nacional, estadual e regional” (MESQUITA; MENDES, 2014, p. 17).

A tipologia das cidades, proposta por Correia (2011), foi operacionalizada por Nogueira (2016) com dados de algumas variáveis³ e aplicada aos 676 municípios mineiros com menos de 20 mil habitantes. Dentre as cidades estudadas, Biquinhas, Paineiras, Quartel Geral e Estrela do Indaiá, segundo a classificação tipológica, se enquadram no grupo dos Reservatórios de Forças de Trabalho Agrícola e, junto com os demais apontados pela autora, somam 159 ou 23% dos municípios classificados. Assim é entendida essa classificação:

[...] espalhados por todo o território, são cidades que possuem pouca ou nenhuma articulação com as cidades médias e grandes. Predomina uma economia rural arcaica e deprimida, muito embora, seja este o setor no qual há alguma geração de renda no campo e onde está localizada a maioria das populações municipais. O isolamento dos municípios garante que as más

³ Percentual da população com inserção digital; Classificação na Regic (2007); Codificação na Regic (2007); Codificação na Regic simplificada (2007); Indicação em região metropolitana ou RIDE; PIB Municipal (2010); PIB Municipal - indústria - valor adicionado - preços básicos (2010); PIB Municipal - serviços - valor adicionado - preços básicos (2010); PIB Municipal - agropecuária - valor adicionado - preços básicos (2010); PIB Municipal - impostos sobre produtos (2010); Índice de terciarização; Índice de industrialização; População residente em 2010; PIB per capita; percentual de trabalhadores agrícolas; Quociente locacional da Indústria (Estado); Quociente locacional do serviço (Estado); Quociente locacional da agropecuária (Estado); e Percentual da população que trabalha no mesmo município que reside.

condições de trabalho sejam costumeiras. Estes núcleos urbanos são bem pequenos e apresentam infraestrutura precária, quase em sua totalidade, de origem pública. Investimentos privados são bastante baixos ou inexistentes (NOGUEIRA, 2016, p. 50).

As outras duas cidades estudadas, Cedro do Abaeté e Serra da Saudade, se enquadram na classificação de Núcleos Dependentes de Recursos Externos, que, juntamente com mais 316 municípios, somam 47,4% dos municípios categorizados pelo estudo. Essa classificação é caracterizada por:

[...] municípios que se municipalizaram, em sua grande maioria sem uma geração de renda previamente garantida, fazendo com que já nascessem sem qualquer autonomia, formando um ciclo vicioso, de precariedade e falta de dinamismo socioeconômico. As prefeituras não conseguem ter uma arrecadação suficiente e, por isso, são tão dependentes dos recursos federais, sobretudo, por meio da emissão de auxílios especiais e programas/políticas sociais. É intensa a presença de equipamentos que deixam visíveis estes programas federais, com o slogan dos governos estampados nas obras, e nos veículos oficiais das prefeituras. Estão localizados principalmente nas porções norte e leste do estado. Destaca-se que o total deste tipo de municípios é a mais alta dentre os cinco tipos da tipologia (NOGUEIRA, 2016, p. 50).

De posse do conhecimento da classificação das cidades estudadas, fica nítido o posicionamento desse bloco na região onde está localizado. São cidades, em certa medida, carentes de investimentos privados e altamente dependentes do serviço público. Essa condição, ao mesmo tempo em que proporciona o uso real do serviço público, põe o acesso a outros tipos de serviços que só são oferecidos por empresas privadas.

Para conhecer melhor o perfil de cada cidade, a seguir, serão apresentadas algumas de suas características. Estrela do Indaiá, que o IBGE (2019) estima uma população de 3.508 habitantes para a contagem realizada em 2018⁴, tem registrado em seus dados de 2010 um total de 3.516 habitantes e está localizada a 240 km de Belo Horizonte. Das estruturas oferecidas pelo serviço público, conta com um campo de futebol e quatro quadras poliesportivas para o uso da população, uma delas localizada na Praça Municipal de Esportes, que cobra mensalidade de R\$ 10,00. A cidade tem uma escola estadual, duas escolas municipais e um centro Municipal de Educação Infantil - CEMEI, bem como um hospital, uma unidade de Estratégia de Saúde da Família - ESF, uma agência bancária, uma casa lotérica e

⁴ Até a data da escrita, a página do IBGE não havia atualizado os dados e mantinha o termo “estimativa” em referência à contagem realizada em 2018. Cf. IBGE (S/D). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 11/04/2019.

correspondentes bancários em comércios locais. O município não possui telecentro comunitário⁵ e conta com duas *lan house* de uso pago.

Localizada a 230 km da capital do estado, Serra da Saudade é o menos populoso dos 853 municípios de Minas Gerais e um dos menos populosos do país, com 815 habitantes recenseados em 2010 e indicação de uma diminuição da população para 786 habitantes no levantamento de 2018. A cidade conta duas quadras poliesportivas e um campo de futebol. Para a educação, a cidade não tem escola estadual, ficando o ensino médio por conta da escola de Estrela do Indaiá, que tem suas aulas ministradas na escola municipal em Serra da Saudade, além de um centro Municipal de Educação Infantil – CEMEI. Para atendimento à saúde, há uma unidade de Estratégia de Saúde da Família – ESF. Não há nenhuma agência bancária, somente uma casa lotérica e correspondentes bancários em comércios locais.

Com 3.303 habitantes registrados pelo censo de 2010, Quartel Geral mira um pequeno crescimento da sua população, com uma estimativa de 3.542 habitantes em 2018. Localizada a 235 km de Belo Horizonte, a cidade tem duas quadras poliesportivas e um campo de futebol para uso gratuito da população. Além disso, o prefeito da cidade cede seu campo de futebol particular para o uso da população e para projetos sociais existentes no município. A cidade conta uma escola estadual, duas escolas municipais, uma unidade da Estratégia de Saúde da Família e um Centro Municipal de Educação Infantil - CEMEI. No município, há uma agência bancária, uma casa lotérica e correspondentes bancários em pontos comerciais. Para o acesso à internet, o telecentro comunitário não está em funcionamento há algum tempo, bem como não há nenhuma *lan house* na cidade.

Cedro do Abaeté, localizada a 230 km de Belo Horizonte, tem uma estimativa populacional de 1.171 habitantes para a coleta de 2018, um número menor do que o registrado em 2010, que traz uma população de 1.210 habitantes. A cidade tem à disposição de seus moradores dois campos de futebol e duas quadras

⁵ O telecentro é um Ponto de Inclusão Digital - PID, projeto do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, sem fins lucrativos, de acesso público e gratuito, com computadores conectados à internet, disponíveis para diversos usos. O objetivo do telecentro é promover o desenvolvimento social e econômico das comunidades atendidas, reduzindo a exclusão social e criando oportunidades de inclusão digital aos cidadãos. Eles podem oferecer diversos cursos ou atividades conforme a necessidade da comunidade local, além de funcionarem como espaço de integração, cultura e lazer. Os telecentros foram instalados por meio de parcerias entre ministérios, prefeituras e entidades da sociedade civil. Cf. BRASIL (S/D). Disponível em: <https://www.mctic.gov.br>. Acesso: 11/06/2019.

poliesportivas. Para a educação, o município conta com uma escola estadual e uma escola municipal, ambas funcionando no mesmo prédio. No atendimento à saúde, tem uma policlínica e uma unidade de Estratégia de Saúde da Família. Em relação a espaços para acesso à internet, possui um telecentro comunitário e um centro de cultura que também oferece o serviço, além disso, conta com uma *lan house* de uso pago. A cidade também tem uma agência bancária, uma casa lotérica e correspondentes bancários em alguns comércios.

Localizado a 254 km da capital mineira, Paineiras é a cidade com o maior contingente populacional dentre as estudadas. Com um contingente de 4.631 habitantes registrado pelo IBGE em 2010, tem uma estimativa populacional de 4.510 habitantes para 2018. A cidade dispõe de um ginásio poliesportivo, um campo gramado nos parâmetros *society* e uma piscina, todos esses equipamentos estão dentro da praça de esportes do município e requer o pagamento de mensalidade de R\$ 20,00 para seu uso. Fora desse espaço, há um campo de futebol de uso gratuito e quadra da escola estadual, que é cedida em alguns horários para os estudantes fora do horário de aula. No que contempla a educação, a cidade tem duas escolas municipais de educação básica, uma escola estadual para ensino fundamental e médio, uma escola de educação especial e uma de ensino técnico, ambas vinculadas ao município. Há duas agências bancárias, correspondentes bancários em comércios e uma casa lotérica. Na área da saúde, o município conta com uma unidade de pronto atendimento e duas unidades de Estratégia de Saúde da Família. Para acesso à internet, não tem nenhum serviço do telecentro comunitário e conta com uma *lan house* de uso pago.

O município de Biquinhas está localizado mais próximo à foz do rio Indaiá e, dentre as seis cidades estudadas, é a mais distante de Belo Horizonte, ficando a 292 km da capital. Ela tem uma estimativa de 2.532 habitantes em 2018, número inferior aos 2.630 registrados pelo censo em 2010. Para a educação, a cidade conta com uma escola municipal e uma escola estadual. Na saúde, um pronto atendimento e uma unidade de Estratégia de Saúde da Família. Há apenas uma agência bancária, uma casa lotérica e correspondentes bancários em comércios. Não há oferta de serviços de internet gratuitos, pois o telecentro está desativado e também não há *lan house* no município. Das estruturas esportivas, conta com um campo de futebol, um ginásio poliesportivo e uma piscina à disposição da população.

A soma do contingente populacional das seis cidades, de acordo com o levantamento do IBGE (2019), resulta em um total de 16.105 habitantes, o que dá uma média de 2.639 habitantes por município. Esse número não deve alterar de forma relevante, de acordo com as estimativas para o censo de 2018, tendo um total de 16.049 habitantes.

Em síntese, a prestação de serviços básicos aos cidadãos tem o setor público como a fonte principal de assistência, com escolas municipais e estaduais, serviço de atendimento médico/odontológico e Tratamento Fora do Domicílio - TFD⁶ para a população via Sistema Único de Saúde - SUS, farmácia popular, e serviço de amparo no âmbito social.

Como apontado por Nogueira (2016) e pela infraestrutura observada nas cidades pesquisadas, tudo indica que as principais fontes de trabalho se concentram no setor agropecuário e no setor público prefeitura/estado, não sendo observadas, nas cidades, indústrias de grande porte. O comércio se limita a atender, principalmente, seus moradores, tanto os da cidade quanto os dos distritos e zona rural.

1.3 Os equipamentos de lazer nas cidades em estudo

Conhecido o campo onde se encontram os sujeitos participantes desta pesquisa, faz-se necessário explorar as possibilidades de lazer que lhes são oferecidas. Sendo o lazer reconhecido como um aspecto fundamental na sociedade e buscando um entendimento da ocorrência de suas vivências, é preciso fazer apontamentos conceituais desse fenômeno e dos locais onde ele ocorre.

Para consolidar o preâmbulo deste trabalho e sustentar as futuras discussões, o lazer é entendido segundo as proposições de Marcellino (2007, p. 02), que o reconhece como “uma cultura vivenciada (praticada, fruída ou conhecida), no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares, sociais, combinando os aspectos tempo e atitude”.

⁶ A Portaria SAS nº 055, de 24 de fevereiro de 1999, dispõe sobre a rotina de Tratamento Fora de Domicílio. Esta normatização tem por objetivo garantir o acesso de pacientes de um município a serviços assistenciais em outro município, ou ainda, em casos especiais, de um Estado para outro Estado. O TFD pode envolver a garantia de transporte para tratamento e hospedagem, quando indicado. Ele será concedido, exclusivamente, a pacientes atendidos na rede pública e referenciada. Nos casos em que houver indicação médica, será autorizado o pagamento de despesas para acompanhante. Mais informações no sítio *online* do INCA. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/>. Acesso: 10/06/2019.

As práticas de lazer podem ser distinguidas pelos locais onde são efetivadas, comumente chamados de equipamentos de lazer. De modo geral, entende-se por equipamento de lazer a edificação ou instalação onde acontecem eventos e atividades voltadas para esse fim. Esses equipamentos estariam enquadrados em uma definição mais ampla, referente aos espaços de lazer. A utilização desse termo, por sua vez, estaria ligada a aspectos de uma política de lazer, seja ela pública ou privada. Diz respeito a como se organizam os diferentes equipamentos em uma cidade, como são distribuídos e que tipo de possibilidades eles oferecem, o que englobaria, também, os espaços potenciais, que são locais que podem se tornar equipamentos de lazer, dos quais são exemplos os vazios urbanos e as áreas verdes (PELLEGRIN, 2004).

O uso dos equipamentos de lazer pode ser dividido de acordo com os interesses culturais, que foram categorizados por Dumazedier (1979) em físicos, manuais, artísticos intelectuais e sociais, sendo que Camargo (1998) inclui, nessa lista, o conteúdo turístico. Outro conteúdo adicional tem ganhado evidência nas discussões acerca do campo: o lazer virtual. Dotado de um número incontável de práticas, rompendo com o limite físico, o lazer virtual também passa pelo crivo do custo ao acesso, assim como os demais conteúdos culturais, o que não impede o aumento de opções e nem os investimentos em atualização e sofisticação desse equipamento de lazer. Assim, conforme Schwartz (2003, p. 29), o conteúdo virtual “configura como um elemento do tempo presente, com linguagem própria, em que a pessoa pode usufruir de novas dinâmicas”.

Dentro da oferta de equipamentos de lazer, os destinados para a prática de esportes aparecem em maior número, onde ginásios, quadras e campos se destacam. Todas as cidades possuem campos de futebol de uso gratuito e também ginásios poliesportivos com cobertura. Em dois desses municípios que contam com suas praças de esportes municipais, há a necessidade do pagamento de uma taxa mensal para acessar aos espaços, todas as outras cidades os oferecem de forma gratuita. Alguns municípios também dispõem de piscinas para uso da população.

Conforme observado no levantamento feito, nas cidades menores, a escassez de espaços e opções de lazer é evidente, comparando com cidades maiores e/ou com maior investimento. Tal constatação abre precedentes que viabilizam uma variedade menor de práticas de lazer e também com baixa demanda tecnológica.

Dados do IBGE acerca da disponibilidade de equipamentos de lazer corroboram essa afirmação:

Ao procurar identificar a infraestrutura cultural dos 5.560 municípios brasileiros, o IBGE, por intermédio da pesquisa, apontou as seguintes características de distribuição dos equipamentos e das instalações de lazer: (a) a escassez é mais acentuada em municípios de menor população; (b) as bibliotecas públicas, os clubes e os ginásios esportivos são os estabelecimentos mais disseminados pelos municípios; (c) teatros, cinemas e museus são, contudo, pouco presente na maioria dos municípios; (d) a crescente oferta de alguns equipamentos culturais, como os provedores de internet e os equipamentos audiovisuais, demonstra a evolução da incidência de novas tecnologias orientadas para o uso pessoal ou doméstico; e (e) um novo padrão de desigualdade está sendo gerado com o acesso desigual da população aos aparelhos e aos estabelecimentos de cultura e lazer relacionados com as novas mídias e as tecnologias digitais (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2008, p. 32).

A escassez de recursos e equipamentos de lazer interfere diretamente nas ações dos sujeitos, por exemplo, a tentativa de copiar modelos de comportamento dos grandes centros, no tempo de lazer. Ele é frustrado e impedido por uma série de fatores já citados, que, muitas vezes, não viabiliza a construção de equipamentos em cidades com menor contingente populacional, fazendo com que o desejo por tal atividade seja podado e, ao mesmo tempo, haja inclinação para atividades viáveis ao meio que se tem acesso (PAULA, 2012). Dentro das possibilidades que o campo de estudo abre, a realização desse trabalho pode trazer algumas contribuições para os municípios e para a população no que se refere às políticas públicas e privadas que podem trazer melhorias para ao lazer local.

Depois da delimitação e apresentação do campo pesquisado, da apresentação dos conceitos do lazer e equipamentos, faz-se necessário conhecer os sujeitos participantes da pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos utilizados para acessá-los.

1.4 Percorso metodológico

A entrada no campo pesquisado exige cuidados metodológicos que requerem uma preparação sistemática para lidar com as situações que podem emergir dos relacionamentos humanos durante as pesquisas (DA MATTA, 1978). Ao fazer estudo em um campo, podem surgir alguns desafios e, para superá-los, um dos caminhos a seguir é apoiar-se nas técnicas da observação. O olhar do pesquisador

é um instrumento que permite a interpretação do contexto estudado. Ante a seus olhos, uma infinidade de fenômenos acontecem, cada um em sua própria velocidade e rota e, com tais informações, forma-se a base da observação. Para evitar pré-julgamentos durante a realização da pesquisa e tratamento dos dados, cabe ao pesquisador “transformar o exótico em familiar e/ou transformar o familiar em exótico” (DA MATTA, 1978, p. 06).

Observar um cenário social ou físico repetidamente pode gerar impressões diferentes, mas conviver com esse cenário pode causar uma “cegueira” pela familiaridade. Partindo do pressuposto de “se conhecer tudo” ou quase tudo, o caminho da pesquisa pode cruzar com elementos novos e que precisam ser assimilados, com a busca pelo estranhamento supracitado. Estando o pesquisador atento a esses detalhes, muito do que é visto pode acabar sendo fundamental, mas só será compreendido com a atenção e a utilização dos métodos corretos. Assim, ao observar as cidades e os elementos que as compõem, a similaridade ou a diferença de alguns fatores deve ser analisada antes de qualquer conclusão construída.

A escolha por fazer o levantamento nas escolas de ensino médio vem da síntese que esse território oferece em termos de aglomeração, coletividade, e – por que não – individualidade. Mesmo que haja uma tendência da escola em tratar os alunos igualmente, instituindo um uniforme padrão, um quadro de normas e regras para todos e as aulas se darem num só ritmo para toda a classe, este estudo enxerga esse ambiente de forma mais ampla, superando o que é programado cotidianamente. Assim, concordando com Dayrell (1996, p. 02), a escola é entendida como:

[...] espaço sociocultural, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar.

Sendo uma única escola de ensino médio por cidade, ela se caracteriza por ser um território onde convergem todos os jovens do município que cursam o ensino médio, formalizando um dos espaços de formação e exercício da identidade, ou, pode se dizer, um “espaço de identificação” (MEDEIROS, 2009). Assim, a escola se

torna um espaço marcante na sociedade em que ela se encontra. Isso pode proporcionar afinidades culturais e uma familiaridade, pois a condição de ser aluno e frequentar a mesma escola são pontos de partida para um estreitamento de relações e para a difusão e convergência de hábitos, inclusive nas vivências de lazer.

Concentrando no papel da escola, Dayrell (1996, p. 02) entende que ela deve ser enquadrada como “construção social, e assim implica compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura”. Dentro da escola, os momentos de trocas podem intensos nas várias direções e, de certo modo, lapidam atitudes de comportamento que podem ser comuns em todo o corpo escolar. O autor também aponta que se “trata de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas”, e, para além disso, sobressai ao momento da aula e se dá em todo o tempo em que os alunos estão dentro das dependências escolares.

Esses alunos, mesmo que vistos pela escola como apenas alunos, são muito mais que isso. À margem do que a instituição escolar lhes reconhece, ou seja, “todos são considerados igualmente alunos, procuram a escola com as mesmas expectativas e necessidades” (DAYRELL, 1996, p. 05), são cidadãos componentes de uma faixa representativa da população que se difere em vários aspectos sociais e culturais, transitam suas vivências e experiências de dentro para fora da escola e inversamente.

Para acessar as contribuições desses jovens, bem como para fazer o tratamento dos dados por eles fornecidos, foi utilizado o método quali-quantitativo, uma abordagem mista que possibilita uma parceria entre dois métodos que, algumas vezes, são colocados em oposição. Para um melhor entendimento, é necessário conhecer essa modalidade de pesquisa. Minayo e Sanches (1993, p. 247) entendem esse processo como complementares entre si:

A relação entre o qualitativo e o quantitativo [...] não pode ser pensada como oposição contraditória [...] é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa.

De posse do aporte metodológico, para dar início à coleta de dados, utilizei um questionário que foi elaborado de acordo com a demanda dos objetivos traçados para a construção deste estudo. O processo de desenvolvimento das questões

contou com a participação e avaliação de membros do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas - GEFuT⁷. Ao todo, foram elaboradas 35 questões, sendo elas divididas em dados pessoais (data de nascimento e sexo), questões referentes à dedicação à escola e ao trabalho, ao lazer e ao futebol, sendo perguntas de múltipla escolha e com campos de justificativas em algumas respostas⁸.

O processo de coleta de dados empíricos foi iniciado por meio de contato telefônico com as escolas pretendidas. Esse primeiro contato foi feito com o intuito de obter a confirmação do endereço e do e-mail ativo para o conseqüente envio, para cada escola, de uma breve descrição do estudo, do processo de coleta, bem como dos termos legais para que a pesquisa fosse realizada.

Após o aceite das escolas, foram entregues duas vias do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE aos alunos menores, para que os responsáveis concordassem com a participação dos mesmos na pesquisa e, para os maiores de 18 anos, foram entregues duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. A participação na pesquisa era voluntária, sendo aberta a todos os alunos presentes na aula no dia da aplicação. Os questionários foram aplicados pessoalmente pelo pesquisador, uma turma de cada vez, o que permitiu atender as demandas que foram aparecendo do decorrer da atividade. Essa prática foi utilizada para reduzir as possibilidades de dupla interpretação das questões, para sanar as dúvidas dos respondentes e evitar que os questionários fossem entregues com questões sem resposta.

A Escola Estadual Celestino Nunes, na cidade de Paineiras teve 121 questionários respondidos nos três turnos; todos os alunos presentes no dia da aplicação responderam os questionários. Com 104 respondentes nos dois turnos que funciona, a Escola Estadual Sebastião Campos, na cidade de Quartel Geral, foi uma das que tiveram abstenções na resposta ao questionário, onde dois alunos não manifestaram interesse em responder.

⁷ O Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG tem, desde setembro de 2006, se debruçado sobre temas correlatos ao futebol e às torcidas, como: a relação do torcedor com Estatuto de Defesa do Torcedor; torcida e violência; o torcer no futebol profissional e amador; torcida e gênero; a história das torcidas em Belo Horizonte; o torcer pelos diferentes esportes e o futebol virtual. O grupo é composto por professores, estudantes de graduação e pós-graduação, graduados, mestres e doutores, que, para além de suas competências individuais, têm em comum a paixão pelo futebol. Mais informações no *site* do GEFuT. Disponível em: <http://www.gefut.com.br/>. Acesso em: 11/06/2019.

⁸ O questionário e os demais documentos utilizados encontram-se anexados ao final do trabalho.

Na Escola Estadual Professor Antônio Ribeiro, em Estrela do Indaiá, as aulas acontecem no período da manhã e da tarde, somente. Lá, um total de 53 alunos respondeu ao questionário. A cidade de Serra da Saudade não tem uma escola estadual, as aulas são de responsabilidade da citada escola de Estrela do Indaiá, que funciona anexada à Escola Municipal Luís Machado Filho, com turno único à noite, onde 23 estudantes participaram da pesquisa.

Em Biquinhas, na Escola Estadual Sorama Geralda Richard Xavier, que funciona com dois turnos, teve um total de 65 respondentes, e, em Cedro do Abaeté, na Escola Estadual José Ribeiro de Andrade, que funciona em turno único à noite, 37 alunos responderam, havendo uma abstenção.

Foi contabilizado um total de 403 (232 meninas e 171 meninos) dos 406 alunos presentes nos dias da aplicação. Levando em conta a voluntariedade na participação do processo, é um número representativo para credenciar as pretensões deste estudo, que se apoia na coleta do maior número possível de participação de estudantes do ensino médio.

Com o intuito de trabalhar os dados coletados, na busca por “verificar tendências, perceber padrões de comportamento e ação, prever resultados, analisar prevalências e riscos, definir estratégias de ação e elaborar modelos de análise” (MEIRELLES, 2014, p. 66), foi utilizado o pacote estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS-IBM) para *Windows*, versão 21.0. Esse instrumento de análise de dados, “muitas vezes subutilizado no campo das ciências sociais, pode servir a pesquisadores de diferentes áreas na exploração de diferentes hipóteses e problemas de pesquisa” (MEIRELLES, 2014, p. 89).

Os resultados obtidos com o cruzamento de dados foram cotejados com a bibliografia estudada para desenvolvimento e fundamentação das discussões. Neste processo, as discussões caminharam “no campo da subjetividade e do simbolismo”, portanto, a partir das afirmações dos voluntários, “o nível dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 244-245) expressados se configuraram em pontos debatidos.

CAPÍTULO II - A ESCALAÇÃO

Os sujeitos participantes são o ponto chave para o desenvolvimento da pesquisa, cujos objetivos foram traçados para que, através de suas impressões, a ótica do futebol como vivência de lazer fosse enxergada. Porém, para maiores esclarecimentos, é fundamental um aprofundamento sobre a condição desses sujeitos, quem eles são e do que se ocupam. Conhecer o conceito de juventude e suas nuances, de acordo com o espaço onde ela desenrola, bem como a disposição das atividades que os jovens se ocupam são de grande valia para um delineamento das características dos sujeitos.

2.1 Os jovens

Como representantes de uma parcela da população, quando são reconhecidos como grupo distinto e, ao mesmo tempo, elementos muitas vezes singulares no seio familiar, os jovens podem ter a participação na sociedade dividida em duas frentes. Antes da distinção dessas duas possibilidades, é necessário reconhecer algumas delas. Dayrell (2007, p. 1109) caracteriza o jovem perante suas ações e afirma que eles “[...] amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida”. Na sociedade, os jovens tendem a se aglomerar em grupos de afinidades. Essa integração, decorrente dos:

[...] mais variados estilos existentes no meio popular ganha um papel significativo na vida dos jovens. De forma diferenciada, lhes abre a possibilidade de práticas, relações e símbolos por meio dos quais criam espaços próprios, com uma ampliação dos circuitos e redes de trocas, o meio privilegiado pelo qual se introduzem na esfera pública (DAYRELL, 2007, p. 1110).

Voltando às possibilidades de participação dos jovens na comunidade, numa das frentes, ele é parte integrante do todo que alimenta a cultura e a vida social do lugar onde vive, influencia o desenrolar sociocultural, imprimindo seu comportamento e seus anseios, “longe dos olhares dos pais, educadores ou patrões, mas sempre os tendo como referência, os jovens constituem culturas juvenis que lhes dão uma identidade como jovens” (DAYRELL, 2007, p. 1110). Na outra frente, ele é um

consumidor de tudo que está à disposição dos cidadãos, recebe influências das ações de terceiros, sendo estes jovens ou não, que, assim como ele, é um cidadão.

Deixando a condição de ser estudante de lado e dirigindo-se para fora da escola, despidos do uniforme, a homogeneidade com que são tratados dentro dos muros escolares abre espaço para a expressão individual de cada um. Essa mudança de ares libera o caminho para o jovem explorar outras situações que não são permitidas no horário de aula e, de acordo com as suas obrigações diárias, ele tem condições de traçar a quais manifestações querem se entregar para vivenciar seu lazer. Fora da escola, o que os agrega são as mais variadas situações e intenções, como, por exemplo:

A música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras formas de expressão, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para trocar ideias, para ouvir um “som”, dançar, dentre outras diferentes formas de lazer (DAYRELL, 2007, p. 1109).

Trazendo a discussão para os participantes dessa pesquisa, é passível de entendimento que nem todos os jovens com idade escolar estão frequentando a escola e nem todos os alunos do ensino médio estudam em sua cidade, frequentando escolas públicas ou particulares de cidades vizinhas. De acordo com a classificação do Conselho Nacional de Juventude - CONJUVE (BRASIL, 2006, p. 05), a juventude é uma “condição social, parametrizada por uma faixa etária, que no Brasil congrega cidadãos e cidadãs com idade compreendida entre os 15 e os 29”. Mesmo esse conceito não sendo limitado apenas à idade do sujeito, é pertinente ressaltar que, dos 403 voluntários, apenas dois alunos tinham mais que 29 anos quando participaram da pesquisa. O presente trabalho, pensando na multiplicidade apontada anteriormente, concorda com a Base Nacional Curricular Comum – BNCC, que assim concebe a juventude:

Condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões, com especificidades próprias que não estão restritas às dimensões biológica e etária, mas que se encontram articuladas com uma multiplicidade de atravessamentos sociais e culturais, produzindo múltiplas culturas juvenis ou muitas juventudes (BRASIL, 2018, p. 463).

Um ponto de interseção baseado nos apontamentos de juventude e que dá concisão à pesquisa é o fato de 359 dos 403 voluntários terem nascido no

quadriênio 2000-2003, representando um total de 87,7% dos participantes. É importante assegurar que a concentração da data de nascimento da maioria dos entrevistados dentro de um período de quatro anos não garante uma homogeneidade nas suas ações e comportamentos, e sim uma proximidade, em todos os âmbitos, visto que fatores externos interferem no cotidiano de cada indivíduo e isso proporciona uma multiplicidade de situações.

2.2 Os estudantes e suas ocupações

Sobre a ocupação dos entrevistados, algumas questões pessoais sobre o uso do tempo fora da escola buscaram estabelecer o panorama em que os jovens estão imersos. Para tal conteúdo, o questionário indagou a dedicação aos estudos fora da escola (independentes ou outros cursos) e também quantas horas semanais são dedicadas às atividades remuneradas.

Esta pesquisa considera o tempo de estudos como uma obrigação, concordando com Marcellino (2007), já referido anteriormente, visto que a maioria dos entrevistados ainda não atingiu a maioridade, estando sob a tutela de seus responsáveis e cumprindo com as determinações e os horários da instituição de ensino. A carga horária anual do “Ensino Médio tem como base 800 horas, distribuídas em pelo menos 200 dias de efetivo trabalho escolar” (BRASIL, 2013, p. 188), o que ocupa, em média, 4 horas nos dias com aulas.

Sendo os participantes da pesquisa matriculados no ensino médio, independente de cumprirem as demandas e horários, eles possuem um compromisso firmado de ir à escola. Fora do período de aula, é pertinente saber como é gasto o restante do tempo que têm disponível. Os dados que essa questão levanta são reflexos de algumas condições, dentre as quais perpassam esferas sociais e culturais, pois, de alguma forma, eles fazem uso desse tempo, sendo pela necessidade ou pela vontade.

Tabela 1 - Você faz algum curso além do Ensino Médio?

	Frequência	Porcentual
Não	366	90,8
Sim	35	8,7
Sem Resposta	2	0,5
Total	403	100,0

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Para dar início a essa etapa, a pesquisa se centrou no uso desse tempo em outras atividades de ensino. Assim, foi perguntado aos voluntários se eles faziam outro curso além do ensino médio. Sendo moradores de municípios apresentados na descrição do campo, esses estudantes podem não ter acesso a outros cursos.

Baseado na lógica administrativa de um negócio, populações como as das cidades estudadas podem não oferecer atrativos para que empresas, como, por exemplo, uma franquia de cursos de idiomas, abra uma unidade no local, forçando aos interessados a se deslocarem para centros maiores para atender as suas demandas. Considerando que existam, nessas cidades, algumas possibilidades de cursos pagos, provavelmente uma parcela da população não tem condições de arcar com os custos, nem mesmo de ter acesso à internet para fazer cursos à distância, que também são possibilidades.

Para atender às necessidades de quem não pode pagar, o setor público, que, como visto antes, é o principal responsável pela oferta de serviços à população nas cidades estudadas, traz opções de cursos gratuitos. O Centro de Referência de Assistência Social - Cras⁹ pode oferecer algumas possibilidades, sendo uma alternativa. Porém, o baixo percentual de alunos que disseram fazer cursos fora do horário de aula pode indicar que não há ofertas ou, se há, não são do interesse destes jovens.

⁹ O Centro de Referência de Assistência Social (Cras) é a porta de entrada da Assistência Social. É um local público, localizado prioritariamente em áreas de maior vulnerabilidade social, onde são oferecidos os serviços de Assistência Social, com o objetivo de fortalecer a convivência com a família e com a comunidade. A partir do adequado conhecimento do território, o Cras promove a organização e articulação das unidades da rede socioassistencial e de outras políticas. Assim, possibilita o acesso da população aos serviços, benefícios e projetos de assistência social, tornando-se uma referência para a população local e para os serviços setoriais. Conhecendo o território, a equipe do Cras pode apoiar ações comunitárias, por meio de palestras, campanhas e eventos, atuando junto à comunidade na construção de soluções para o enfrentamento de problemas comuns, como falta de acessibilidade, violência no bairro, trabalho infantil, falta de transporte, baixa qualidade na oferta de serviços, ausência de espaços de lazer, cultural, entre outros. Para saber mais, acessar o sítio *online* do Ministério da Cidadania. Disponível em: <http://mds.gov.br/>. Acesso: 11/06/2019.

Mesmo existindo cursos gratuitos ou pagos, de acesso fácil ou restrito, à disposição do estudante (e da sua família), a tomada de decisão de ingressar em algum deles passe pelo jovem passa pelo reconhecimento da importância ou a necessidade de se matricular, sendo um ponto determinante para que ele possa usufruir disso fora do tempo regular na escola. Ao mesmo tempo, algumas demandas podem suprimir a opção de escolha deste jovem, como, por exemplo, sendo ele um dos provedores familiares, há a necessidade de dedicar parte do seu tempo no empenho de uma atividade remunerada, diminuindo, assim, as suas opções.

Saindo da análise da dedicação a um curso formal, pensando em uma proposta direcionada apenas ao tempo de estudos, a pesquisa buscou saber qual era o tempo dedicado aos estudos semanalmente. Esta questão se refere a todos os momentos dedicados aos estudos, sendo exceção à carga horária já conhecida do tempo na escola, levando em consideração cursos formais, o estudo direcionado para realização das provas e revisões das matérias aprendidas na sala de aula.

Tabela 2 - Além do seu tempo na escola, quanto tempo você se dedica aos estudos semanalmente?

	Frequência	Porcentual
Até 3h	306	75,9
Entre 3h e 6h	67	16,6
Entre 6h e 9h	21	5,2
Mais que 9h	8	2,0
Sem Resposta	1	,2
Total	403	100,0

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Frequentar a escola é, entre outras coisas, estar envolvido por um espaço onde existe uma programação do que deve ser feito no período em que os alunos estão submetidos a ela. Independente do comportamento do aluno, a escola prezarão por um planejamento coletivo que os reconhece simplesmente como alunos e logo se entende que há um estímulo para que se respeite aquilo que é proposto. Assim, os alunos são submetidos a um regime que determina o que e quando estudar enquanto estão no horário de aula. Fora do espaço escolar, a rotina de estudos é planejada de acordo com a vontade, a possibilidade e/ou a necessidade de cada um e a obrigação imposta pela família ou por seus responsáveis.

Esses dados levantam algumas reflexões pertinentes, apesar de não ser objetivo deste trabalho discuti-las. Não estudando fora do horário escolar, pode-se entender que o aluno não encontra dificuldades no que lhe é ensinado na escola e somente estar presente nas aulas é suficiente para ter a pontuação necessária para ser aprovado em todas as matérias. Outra reflexão possível é que esses alunos não têm dimensão da participação da educação no decorrer da sua vida, sem conseguir fazer uma projeção para o futuro, em que o aprofundamento do conhecimento pode lhe trazer vantagens profissionais ou mesmo mais chances ao concorrer uma vaga para o ensino superior, abrindo mão, portanto, de aplicar seus esforços nos estudos extraclases.

O que é mais nítido nesses resultados é que, se a maioria dos alunos não gasta seu tempo estudando, eles o investem em outras atividades, podendo ser de lazer, obrigações não remuneradas, obrigações remuneradas ou qualquer outra atividade que não se enquadre nas apontadas. Para conhecimento da dedicação do tempo fora da sala de aula, busquei saber se os voluntários exerciam alguma atividade remunerada e por quanto tempo ocorria, caso afirmassem positivamente para esta questão.

Tabela 3 - Se você realiza alguma atividade remunerada, por quantas horas semanais você se dedica a ela?

	Frequência	Porcentual
Não tenho atividade	222	55,1
Menos que 12h	118	29,3
Entre 12h e 24h	26	6,5
Entre 24h e 36h	11	2,7
Mais que 36h	21	5,2
Sem Resposta	5	1,2
Total	403	100,0

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

O que leva um estudante a dedicar-se a alguma atividade remunerada é algo particular, dentre algumas possibilidades, pode transitar entre a necessidade de recursos financeiros para ajudar no sustento pessoal/familiar e a vontade de ter independência financeira ou adquirir bens de consumo pessoal.

A pesquisa não se ocupou das tarefas não remuneradas, visto que elas podem ser reconhecidas pelos pesquisado nas mais variadas interpretações e

também pela possibilidade de serem aleatórias e sem repetição ou rotina programada.

A ocupação com alguma atividade remunerada acaba interferindo em dois sentidos na vida desses estudantes: ao mesmo tempo em que toma parte do seu tempo durante a execução, abre possibilidades de utilização de recursos para outros fins, como, por exemplo, ampliar o acesso às atividades de lazer, em que o “fator econômico é determinante desde a distribuição do tempo disponível entre as classes sociais até as oportunidades de acesso à escola e contribui para uma apropriação desigual do lazer” (MARCELLINO, 2007, p. 05).

Como explicitado antes, o campo pesquisado não apresenta diferenças acentuadas no que diz respeito às classes sociais, porém, quando se propõe a vivenciar uma atividade de lazer, o jovem pode encontrar uma demanda econômica e ser tolhido da mesma por não ter, por exemplo, um calçado específico exigido para a prática de algum esporte ou acesso à casa de shows. Desse modo, surge uma “barreira intercalasses sociais” (MARCELLINO, 2007), que pode ser um motivador para o estudante empenhar parte do seu tempo em alguma atividade remunerada.

Levantados esses pontos, os jovens buscam, dentro das suas possibilidades, uma forma de usar seu tempo, vencidas as obrigações. Cada um se manifesta de acordo com o que se alinha às suas expressões culturais. Para Dayrell (2007), as escolhas remetem diretamente a uma das dimensões de sua condição, que é a sociabilidade. O autor aponta que a “centralidade dessa dimensão que se desenvolve nos grupos de pares” pode se dar nos espaços institucionais, como a escola ou mesmo o trabalho, mas, “se manifestam preferencialmente nos espaços e tempos do lazer e da diversão” (DAYRELL, 2007, p. 1110-1111).

Desse ponto, a pesquisa quis conhecer o tempo que os jovens se dedicam ao lazer durante a sua semana. É importante apontar que, na aplicação dos questionários, não foi dada nenhuma orientação específica do que é o lazer. O aplicador se limitou a dizer que fosse apontado como tempo de lazer o período gasto com as atividades que eles não considerassem o momento da execução das mesmas como obrigação.

Para conhecer o tempo de lazer dos estudantes, busquei saber qual a sua dedicação semanal em horas e em quais dias da semana se concentram as atividades.

Tabela 4 - Quantas horas da sua semana você dedica ao seu lazer?

	Frequência	Porcentual
Até 3h	95	23,6
Entre 3h e 6h	127	31,5
Entre 6h e 9h	64	15,9
Mais que 9h	112	27,8
Sem Resposta	5	1,2
Total	403	100,0

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

O tempo destinado ao lazer configura-se em uma das parcelas onde o jovem investe seu tempo. Aqui, fora a obrigatoriedade da escola e a uma possível atividade remunerada, os resultados mostram o período que será gasto com, entre outras coisas, o futebol.

Um ponto que merece ser ressaltado é que, como não houve nenhuma explicação sobre conceitos de lazer, abriram-se brechas para a subjetividade. Porém, a percepção dos voluntários é um dos pontos chave desta pesquisa, sendo seus apontamentos de grande valia, independentemente de quais conceitos se basearam para distinguir tais empenhos de tempo.

Analisados em comparação à ocupação com uma atividade remunerada, é possível reconhecer um equilíbrio entre as duas questões, principalmente pelo fato de mais da metade dos jovens não trabalhar e, fora dessa obrigatoriedade, sobra mais tempo para se empenhar em outras atividades. Desse modo, continuando as comparações entre as duas situações, fica evidente que não é somente a jornada de trabalho mais longa que interfere no tempo de lazer.

Tabela 5 - Em quais dias da semana se concentram as suas atividades de lazer?

	Não	Sim	Sem Resposta
Domingo	122	280	1
Segunda-feira	262	140	1
Terça-feira	255	147	1
Quarta-feira	271	131	1
Quinta-feira	254	148	1
Sexta-feira	200	202	1
Sábado	108	294	1

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Ao serem questionados sobre quais dias se concentram suas atividades de lazer, respondido em uma questão que permitia marcar quantas alternativas achassem necessário. Um fato a se considerar é a concentração de um maior número de marcações para os dias do “final de semana”, incluindo a sexta-feira, que não seria um deles, mas é culturalmente tratado com “fim de semana”, quando, livres das obrigações, podem desfrutar do seu tempo de lazer. Em contraponto, há reduções nos números referentes aos demais dias, chamados “dias úteis” ou “comerciais”, o que ocorre por algum motivo, seja cultural ou mesmo pelo fato de os entrevistados terem compromisso a cumprir.

Tais números abrem precedentes para, no mínimo, duas considerações que poderiam ter referendado os resultados de forma diferente. A primeira se refere ao fato de que, como não houve uma definição inicial de tempo de lazer, ele foi traduzido de acordo com a interpretação individual de cada voluntário. A outra consideração diz respeito à ocupação não remunerada, que não foi colocada no questionário, descartando, assim, o conhecimento do tempo empenhado pelos jovens que realizam as tarefas domésticas, trabalham em negócios familiares ou qualquer outro tipo de atividade sem remuneração.

Conhecida a faixa etária em que se encontram os voluntários da pesquisa, a divisão do uso do tempo entre escola, trabalho remunerado e lazer, foi possível reconhecer que, nas cidades pesquisadas, os jovens que só estudam e não trabalham são mais que o dobro do que os mostrados nos índices nacionais, apresentados por Santos e Gimenez (2015, p. 162). Dentro da perspectiva de ocupação e do tempo de lazer, nota-se que a maioria tem acesso amplo a uma “moratória social” (MARGULIS; URRESTI, 2006, p. 03), ou seja, têm o benefício de não terem se assumir precocemente determinadas responsabilidades, como prover a casa, se casar, ingressar mais cedo no mercado de trabalho e demais situações que lhes imponham barreiras cada vez mais cedo.

CAPÍTULO III - BOLA EM JOGO

Depois de apresentar o campo pesquisado e seu contexto, o lazer e suas perspectivas, os sujeitos e suas condições, o terreno já está pronto para o futebol. Este estudo foi construído tendo o futebol como ponto convergente, partindo das perspectivas que se desenrolam até ele e a partir dele. Aqui, apresento algumas facetas do futebol e, conseqüentemente, tendo a pesquisa dividida em quatro partes: Jogar futebol¹⁰; o torcer; assistir futebol na TV; e o futebol virtual. Nelas, as impressões dos jovens serão evidenciadas para apresentar, com o auxílio dos dados fornecidos por eles, como reconhecem o futebol como vivência de lazer.

3.1 Aspectos gerais do futebol

A partir desse ponto, o futebol vai ser explorado dentro dos aspectos até aqui apresentados e em direção às propostas feitas nos objetivos desta pesquisa. Reconhecer a dimensão deste esporte é fundamental para a execução do estudo, assim, a representatividade desse fenômeno é reconhecida:

O futebol foi e continua sendo um elemento importante da cultura brasileira. Enquanto fenômeno social, sempre esteve muito em consonância com a forma de a sociedade se organizar, assim como outros elementos da cultura popular – carnaval, arte, religião, música e outros (RINALDI, 2000, p. 167).

Dentro das vivências do lazer, o futebol e suas possibilidades são reconhecidos como práticas que cumprem esse papel (SILVA; NETO; CAMPOS, 2011; LAGES; SILVA, 2012) e, nesta perspectiva, ele é tido como o cerne desta pesquisa. Costa (2005, p. 14) aponta que podemos, “a partir do futebol, chegar a um maior entendimento da natureza lúdica da sociedade e do próprio homem que nela se realiza enquanto jogador à procura de uma vitória final”. O futebol é um fenômeno que atinge as várias esferas populacionais, seja com jogos de alto rendimento ou com os jogos que podem acontecer em inúmeros espaços, passando por outras atividades envolvidas direta ou indiretamente com sua prática.

¹⁰ A partir desse ponto, faz-se necessário esclarecer a nomenclatura que será assumida neste trabalho. Por haver uma distinção nos termos referidos sobre o futebol, todas as manifestações que envolvem a prática física, similar ou idêntica ao jogo regulamentado, incluindo o futsal, serão denominados como “jogar futebol” e variantes da conjugação do verbo jogar; já os jogos virtuais emulados pelos consoles, carregarão o adjetivo “virtual” acompanhando a palavra futebol.

Nas cidades que fazem parte deste estudo, não há registro de equipes profissionais de futebol, não sendo esse fato suficiente para descredenciar o apelo pelo jogo e também às vivências plurais que o esporte pode proporcionar. Das possibilidades de incursão no futebol, Rezer (2009) traz um apontamento pertinente, que são as vivências do futebol que é “brincado”. O autor denomina de “jogos populares” as vivências individuais que são manifestadas de forma coletiva, independentemente do local em que elas aconteçam. Nesse quadro, estão incluídas algumas variações do jogo de futebol, por exemplo, de várzea, de salão, de praia, de botão, o futevôlei, o totó, o futsal, a “pelada”, dentre uma gama com um limite desconhecido de atividades. O futebol é o centro das atenções e a motivação dessas atividades, logo, seria um equívoco não considerar tais possibilidades como práticas do mesmo.

O futebol foi escolhido como tema central deste trabalho, entre outros motivos, por envolver um conjunto complexo de relações sociais que não são simplesmente uma reprodução de modelos do esporte profissional. Dentre os vários papéis, Campos (2008, p. 254) sintetiza alguns deles: “Seu papel central na cultura nacional, global e local”, fazendo do futebol um objeto imensurável, não sendo possível designar o seu real tamanho, estando presente em grandes estádios ou em qualquer ilha isolada e sendo simulado com um objeto redondo próximo de uma bola; “sua capacidade de promover relações”, da tradição familiar de torcer por um mesmo time, passando pelo abraço em alguém desconhecido na comemoração de gol, das amizades criadas e cultivadas na pelada; “gerar e reproduzir símbolos faz com que o futebol permeie o cotidiano dos brasileiros”, dos jogos na TV às quartas-feiras e aos domingos, no programa de notícias na hora do almoço, nas expressões idiomáticas relacionadas às características e o hábito de usar camisas de clube socialmente.

Essa prática de lazer se torna evidente nos espaços e abrangente dentro das múltiplas possibilidades que o jogo permite. Isso pode ser observado nas várias esferas sociais, em que o futebol vem carregado de pluralidades e particularidades. Camargo e Bueno (2003, p. 495) acrescentam que o futebol, “além de ser popular, é parte integrante da paisagem”. Observando as cidades, não é tarefa difícil encontrar campos de futebol, quadras ou mesmo campos improvisados em terrenos. Nas regiões metropolitanas e no interior, servem como ponto de encontro entre jovens e adultos, mostrando, portanto, que essa prática de lazer é valorizada pela população

local, acontecendo, nesses espaços, uma conversão plural em busca da vivência do futebol.

O futebol não mobiliza somente para a prática física. Rodrigues (2011) aponta para as diversas situações em que o apreço por essa modalidade pode ser observado, inclusive denota que essa mobilização gestou outra forma de vivenciar o futebol: o futebol virtual. Dentre as possibilidades, a autora propõe as seguintes situações:

[...] futebol nos estádios, na televisão, nas discussões de botequim, na pelada de rua, no rádio, nos campos de várzea, no sentimento nacionalista em época de Copa do Mundo, nos álbuns de figurinhas, nas manifestações das torcidas, enfim, na nossa cultura (RODRIGUES, 2011, p. 18).

3.2 Jogar futebol: a bola no pé é o que interessa

Na prática, o futebol pode ser vivenciado de várias maneiras. Existem questionamentos que perambulam o dito popular no entorno do que é o futebol jogado, se só é futebol quando são onze contra onze, se é em um campo com dimensões oficiais, times uniformizados, juízes e rede no gol, questões que abrem espaço para reflexões mais amplas. Quando se pensa em futebol, logo vem na memória o jogo, a bola rolando e atletas disputando cada espaço do campo em busca do gol. É dessa visão que parte o desejo de reprodução, da mimetização do jogo que é visto.

O futebol é um jogo amplo e mais plural do que uma só pessoa é capaz de imaginar, portanto, não pode ser reduzido apenas às dimensões oficiais do jogo regulamentado pela *Fédération Internationale de Football Association - FIFA*. Quando se busca por estudos sobre futebol, uma boa parcela do que é encontrado trata esse jogo a partir das suas origens formalizadas na Grã-Bretanha na segunda metade do século XIX¹¹. Outra abordagem aponta jogos similares a esse futebol formalizado, que Giulianotti (2010) chama de variantes do futebol “primitivo”¹². Mesmo que o esporte hoje denominado e reconhecido na maior parte do mundo pela variação do termo inglês *foot-ball* traga uma ideia hegemônica de que tudo parte da

¹¹ Giulianotti (2010, p. 18), ao discorrer sobre o jogo contemporâneo, elabora uma linha histórica sobre sua formalização, que passa pelos movimentos escolares, culminando com a fundação do Sheffield FC, em 1854, e a impressão das regras pelos alunos da escola de Harrow, criando, posteriormente, a Associação de Futebol (FA).

¹² Cf. Giulianotti (2010, p. 15-17).

dita formalização, os movimentos que ocorriam e ocorrem em diversas partes do mundo não podem ser descredenciados como manifestações de uma mesma raiz constituinte do jogo em questão, na maioria das vezes, envolvendo o ato de chutar uma bola (seja ela de que material for).

Reconhecer esses movimentos como uma manifestação real do futebol é uma forma de validar os movimentos que, hoje, ocorrem e que são simulacros do jogo formal. Scaglia (2003), ao debater sobre as famílias de jogos, caminha em uma linha de raciocínio que justifica o reconhecimento de diversas manifestações como componentes de um bloco, colocando o futebol como mais um elemento desses:

Sendo assim, o futebol, o futsal, o beach soccer, o futevôlei, o futebol irlandês, o rúgbi, o futebol americano, coabitam o mesmo espaço representativo especificado, com a rebatida, o gol caixote, a pelada, o três dentro três fora, o 1 toque, o toquinho mineiro, o bobinho, o tira-tira, o cada um por si, o centroavante, o Maria levanta saia, o lixa, o gol de cabeça, o gol dentro da área, os campeonatos de embaixadas, as disputas de pênalti a brinca, o canelobol... (SCAGLIA, 2003, p. 71).

De conhecimento destas variações, o autor complementa que:

Se o futebol um dia foi jogo/brincadeira, e alguns jogos/brincadeiras de bola com os pés lembram o futebol, logo, querer analisar tal simbiose e complexidade se justifica pela cabal inferência de encontrar um no outro, ao mesmo tempo em que se possa distingui-los. Quero dizer que o futebol existe nos outros jogos/brincadeiras com bola e outros jogos/brincadeiras existem no futebol, porém cada qual mantém a sua autonomia, e irredutibilidade, ao mesmo tempo em que estabelecem vínculos de dependência mútua (SCAGLIA, 2003, p. 71-72).

Muitos desses jogos citados são representações fidedignas do que o futebol pode motivar e proporcionar dentro das possibilidades de cada praticante. Seguindo essa linha de raciocínio, é importante frisar que, nesta pesquisa, o futebol será entendido como um elemento plural e proporcionador da pluralidade, refém da criatividade e das possibilidades de quem o pratica, da prática institucionalizada, passando pela reprodução fiel da mesma até a individualidade de cada situação.

Para conhecer o envolvimento dos jovens participantes da pesquisa, uma das partes do questionário continha perguntas direcionadas especificamente para o jogar futebol, nas quais o local e o tipo de vivência puderam ser entendidos e contemplados em variadas possibilidades, ora indicando diretamente, ora abrindo a possibilidade de expressão livre. Porém, antes de compartilhar as facetas do futebol, o primeiro questionamento apresentado aos respondentes aborda o futebol em uma

perspectiva de lazer, sendo que o entendimento de lazer partiu das construções sociais de cada um.

Tabela 6 - O futebol é uma das suas principais vivências de lazer?

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não	165	72	237
Sim	62	98	160
Sem Resposta	5	1	6
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Em uma primeira análise, fica evidente que o futebol não é uma das principais atividades de lazer da maioria dos jovens pesquisados. Porém, tal constatação não o desqualifica, já que é significativo o número de respostas que reconhecem o esporte como principal atividade de lazer, sendo que, no caso dos meninos, é ainda mais representativo se comparado às meninas.

Partindo desses dados, é possível analisar de diferentes vertentes. Ao entender as cidades pesquisadas como expressões de ruralidade, onde o panorama se mantém em um ritmo de conservação de costumes, pode-se entender que o futebol é vivenciado por um número considerável de meninas, porém, ainda se mostra uma expressão de predomínio masculina.

Quando perguntados diretamente se jogam ou não futebol, o panorama estatístico se apresenta divergente aos dados levantados sobre o futebol como primeira opção de lazer. Em uma primeira observação é possível constatar que existem mais praticantes do que não praticantes.

Tabela 7 - Você joga futebol ou futsal?

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não	144	43	187
Sim, jogo em um ou mais times locais e/ou regionais.	18	44	62
Sim, jogo apenas como lazer, sem compromisso com times.	69	77	146
Sem Resposta	1	7	8
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

A questão foi dividida entre não praticantes, praticantes sem compromissos com times e praticantes envolvidos com equipes de futebol/futsal para buscar, em primeiro plano, identificar o nível de envolvimento. Os voluntários que deixaram respostas inválidas ou não responderam foram considerados no total de pesquisados e como tendo respondido negativamente às três opções.

Em estudo realizado com 216 jovens do ensino médio de Santa Catarina (MATIAS *et al.*, 2012), foram obtidos percentuais substancialmente menores que os encontrados no presente estudo. Ao questionar os sujeitos sobre as atividades físico-esportivas que praticavam, 15,9% dos meninos e 3,57% das meninas assinalaram o futebol como prática. Porém, dentro das opções citadas, foi a atividade com mais marcações, sendo superada apenas pela opção “nenhuma”. Comparando o campo pesquisado a estes resultados, é notório um maior envolvimento com o futebol por parte dos estudantes da presente pesquisa, principalmente no que remete às meninas, nas cidades estudadas, 37,5% delas joga futebol, sendo aproximadamente dez vezes a proporção de meninas catarinenses.

Definido o universo de praticantes envolvidos com equipes, esse número se mostra menos expressivo quando comparado com o total dos jovens que vivenciam o futebol sem compromisso com equipes. Apesar de terem valores próximos para ambos os sexos, se convertidos em valores percentuais, fica notório que o interesse masculino é quase o dobro do feminino para os que vivenciam essa prática.

Ao comparar o número de jovens que disseram que o futebol é uma de suas principais atividades de lazer (Tabela 6) com os que afirmaram jogar futebol (Tabela 7), 25 meninas e 23 meninos disseram jogar, porém, não reconhecem o esporte como uma de suas principais atividades de lazer. Esses dados mostram que, mesmo

não sendo a principal vivência de lazer, o futebol faz parte do cotidiano e das ações desses jovens.

Quando analisados separadamente por gênero, os resultados ficam destacados. Dentro da população pesquisada neste estudo, 37,5% das meninas e 70,7% dos meninos vivenciam essa atividade. Das muitas barreiras que podem justificar essa maior adesão por parte dos meninos, Dias, Loch e Ronque (2015), ao pesquisarem alunos de 60 turmas de ensino médio de Londrina – PR em busca dos motivos que os levam a não optarem por atividades físicas no lazer, concluíram que, das possibilidades oferecidas, destacaram-se três opções: preferências por outras atividades; muitas tarefas; e preguiça. Nestes três pontos os percentuais de citações das meninas beiravam o dobro dos meninos.

Tendo por base os dados obtidos no campo pesquisado e os resultados apresentados na pesquisa feita no estado do Paraná, examinando os três motivos que foram apontados como barreiras e que foram selecionados para fins de comparação, podem ser justificativas plausíveis para a diferença encontrada entre meninas e meninos que jogam futebol no campo estudado.

Assim, comparando os dados, as meninas tiveram os maiores percentuais quando a questão eram as barreiras e os meninos tiveram a maior representação quando analisadas as proporções de qual gênero joga mais futebol. A preferência por outras atividades é uma decisão que passa principalmente pelo desejo pessoal, é uma escolha moldada pela formação cultural e pelas possibilidades de acesso. Nesse ângulo, o futebol passa a ser mais uma opção, e, conforme os dados apresentados, tem ampla adesão dos meninos se comparado às meninas. Já no caso da preguiça, as atividades físico-esportivas, entre elas o futebol, em sua maioria, demandam um empenho físico e, como a preferência por outras atividades, passa pela construção sociocultural dos desejos. As muitas tarefas, que não permitem a escolha, têm outro significado quando comparadas com os outros pontos levantados até aqui. Além da formação sociocultural, onde as meninas podem ser reconhecidas como responsáveis pela organização e limpeza da casa, demandando um tempo considerável para executar essas tarefas. Assim, “o lazer das mulheres torna-se restrito em função de suas responsabilidades adicionais e quase sempre exclusivas em relação ao trabalho doméstico e aos cuidados familiares” (SOUZA JÚNIOR; REIS, 2010, p. 04). De um modo geral, essas tarefas geralmente passam

pelo crivo de terceiros, que, no caso dos jovens, pode ser familiar, empregatício ou de outra natureza.

Contando como a principal prática ou mesmo como uma atividade secundária, o futebol tem uma representatividade considerável enquanto sugestão de prática dentro da população pesquisada. O fato de o futebol ser jogado por mais da metade dos entrevistados, coloca-o em evidência frente às múltiplas possibilidades de práticas de lazer.

Depois de questionar o envolvimento com o jogo de futebol, na sequência, buscou-se saber onde essa prática ocorria. As opções contemplavam espaços formais (campo e quadra), bem como a localização sem a discriminação do espaço específico (escola e zona rural) e espaços variados de interpretação individual (rua e terrenos vazios). Como esta questão permitia ao voluntário assinalar mais de uma opção, ela não será analisada com percentuais, e, sim, com números absolutos.

Tabela 8 - Onde você joga futebol?

	Não	Sim	Sem Resposta
Campo/Quadra	271	130	2
Rua	358	43	2
Escola	272	129	2
Terrenos vazios	389	12	2
Zona Rural	382	19	2

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

A zona rural representa uma quantidade pequena de praticantes dentre os que assinalaram jogar futebol. Com uma média de aproximadamente três jovens por cidade. Tal estatística pode ser explicada pelo êxodo rural (BRITO, HORTA; AMARAL, 2018), ou, mesmo sendo as cidades apontadas como aglomeração de mão de obra rural, com a disponibilidade de meios de transportes, melhorias nas estradas, entre outros fatores, favorece para que os trabalhadores rurais e suas famílias não necessitem morar na propriedade onde trabalham.

Dentre as opções que se distinguem dentro da cidade, terrenos vazios foi a opção menos citada. Tais números podem remeter ao fato de que, mesmo as cidades não sendo grandes centros urbanos, na parte central das mesmas, não

restam muitos espaços vazios – quando estão presentes, são cercados por muros –, sendo estes mais comuns na parte periférica, onde o loteamento é mais.

Pensando a rua como um espaço numa cidade como as estudadas, sabe-se que o movimento dos carros não é intenso e os riscos que as ruas oferecem, como, por exemplo, nos grandes centros, em geral, não passam de histórias e fatos contados ou acompanhados na TV. Certo de que os perigos são problemas menores, pode ser que a faixa etária dos jovens pesquisados os coloque numa situação embaraçosa, por, talvez, serem tachados de “velhos demais” para ficar jogando bola na rua, levando-os a inibirem essa prática. Um ponto a ser considerado é a gratuidade de alguns espaços construídos para a prática esportiva, que não requerem uma caminhada muito longa para serem acessados.

Tabela 9 - Onde você pratica futebol ou futsal? - Campo/Quadra

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não	190	81	271
Sim	41	89	130
Sem Resposta	1	1	2
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Os jovens que assinalaram o campo/quadra como espaços de vivência do futebol, fazem dessa a maior parcial dentre as alternativas oferecidas pela questão. Em números gerais, os espaços formais tendem a ser ocupados mais por meninos, o que pode ser justificado pelo número superior de praticantes do sexo masculino, ou, de forma inversa, o entendimento desses espaços como locais de vivências hegemônicas masculinas afasta as meninas.

Mesmo sendo possível reconhecer uma representatividade no número de meninas utilizando os campos e as quadras, é importante frisar que a inserção das mulheres em espaços específicos de práticas do futebol está ainda em curso. Goellner (2005) desenha um caminho que perpassa pelas várias imposições que foram feitas às mulheres na trajetória do futebol brasileiro. Partindo da proibição, que começou a ser gestada em 1941¹³ e que teve seu fim 38 anos depois, a mulher foi podada do jogo e todo espaço de prática ficava para o disfrute dos homens. O

¹³ BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199**, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 12/06/2019.

processo de reinserção ainda se mostra vigente, sendo necessário romper o preconceito que vem de várias partes, podendo ser sociocultural, econômico ou das políticas de gênero, que mesmo não documentadas, ainda vigoram.

As barreiras que justificam a hegemonia masculina pode ter reflexo dentro dos próprios lares desses jovens, onde a maioria dos pais dos entrevistados provavelmente não reconhece mulheres jogando futebol como um processo isento de qualquer problema. A alteração de um conceito fixado, requer um longo processo para que haja uma mudança significativa, dependendo de vários fatores para a sua formalização.

Uma possibilidade de mudar essa visão seria proporcionar à população uma maneira de reconhecer as mulheres como legítimas praticantes do futebol, o que pode ser feito via meios de comunicação, como foram popularizados alguns times de futebol masculino, porém, a legislação que vigorava impedia “que os clubes esportivos investissem em políticas de inclusão das mulheres nos esportes” (GOELLNER, 2005, p. 147), anulando esta possibilidade.

Quando essa possibilidade acontece, mesmo depois da anulação do decreto que impedia as mulheres de jogarem futebol, a autora aponta para uma distorção do que deveria ser o caminho seguido para buscar a afirmação do futebol jogado como um espaço tanto masculino quanto feminino. Colocando em prática o jogo, ao invés da competência técnica, o objetivo foi fixado na erotização do corpo feminino e na obtenção de lucro através da exploração dessa vertente:

O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraentes, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade. Atrairão, sobretudo, patrocinadores, cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no Brasil (GOELLNER, 2005, p. 147-148).

Comparando com a modalidade masculina e seus praticantes, ainda é pequena a atuação das mulheres no futebol. Porém, a participação feminina vem crescendo de forma acelerada, entrando na pauta das discussões nas federações, iniciando projetos de equipes femininas¹⁴ nos principais clubes do país, mantendo

¹⁴ Nas páginas 40 e 41 do Regulamento de Licenças de Clubes, na Tabela I, que aborda os critérios esportivos para um clube ser licenciado pela Confederação Sul-americana de Futebol – Conmebol, o item D.4 dispõe o seguinte: O solicitante deverá ter uma equipe principal feminina ou associar-se a um clube que a tenha. Além disso, deverá ter pelo menos uma categoria juvenil feminina ou associar-

campeonatos em nível nacional e internacional. Esses fatos, de alguma forma, podem refletir na representatividade do total de meninas que frequentam os espaços específicos para jogar futebol.

Com exceção das cidades de Estrela do Indaiá e Paineiras, que têm espaços públicos, porém de acesso pago, entende-se que a gratuidade é um favorecedor do uso desses espaços, pois, independentemente da quantidade de praticantes envolvidos, tê-los à disposição se coloca como uma barreira a menos quando o indivíduo decide jogar.

Tabela 10 - Para vivenciar suas práticas relacionadas ao futebol, você:

	Frequência	Porcentual
Não pratica	180	44,7
Precisa pagar para ter acesso	24	6,0
Não precisa pagar para ter acesso	182	45,2
Sem resposta válida	17	4,2
Total	403	100,0

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

A gratuidade para acessar os espaços destinados à prática do futebol é um benefício que atende a maioria dos entrevistados que jogam futebol. Esse número, analisado por esses parâmetros, abre precedentes para questionamentos acerca do que leva esses jovens a não praticarem. Em uma primeira análise, deduz-se que existe uma opção por não jogar, o que acaba persistindo é a dúvida de quanto a não gratuidade favorece para essa tomada de decisão.

Os apontamentos referentes à escola destacam-na como um local de vivência do futebol, então, mesmo não sendo um equipamento específico de lazer, é reconhecida e utilizada significativamente pelos jovens entrevistados. Em números totais, esse espaço se equivale em importância aos espaços específicos de prática – quadra/campo –, o que faz da escola um ponto de atenção, principalmente pela possibilidade de ser mais um espaço democrático para receber os praticantes, ou por ser ali, talvez, o lugar com o único momento disponível para jogar.

se a um clube que a tenha. Em ambos os casos, o solicitante deverá providenciar suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de jogo para a disputa de jogos e treinamento) necessários para o desenvolvimento de ambas as equipes em condições adequadas. Finalmente, é exigido que ambas equipes participem de competições nacionais e/ou regionais autorizadas pela respectiva Associação Membro. Disponível em: <http://www.conmebol.com/es/regulamento-de-licenca-de-clubes-2018>. Acesso em: 12/06/2019.

Tabela 11 - Onde você pratica futebol ou futsal? - Escola

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não	175	97	272
Sim	56	73	129
Sem Resposta	1	1	2
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Quando analisados separadamente, a escola se mostra um espaço que recebe mais meninas jogando do que nos espaços específicos e, inversamente a isso, menos meninos apontaram a escola como um local de prática em comparação com campos e quadras. A realização dos Jogos Escolares de Minas Gerais - JEMG¹⁵ pode ser um motivador, pois é um evento diferente da rotina escolar, que motiva a competição e favorece a interação com alunos de outras escolas. Os treinos preparatórios para esse evento se configuram numa rotina de prática do futebol, tanto para as meninas quanto para os meninos.

Independente de qual espaço utilizado, um dado importante a ser analisado é o tempo que os jovens entrevistados dedicam ao jogar futebol. Para buscar tais informações, o questionário continha uma pergunta sobre o tempo destinado para esta atividade, sendo dividida por frações de três horas.

Tabela 12 - Quanto tempo dura a sua prática envolvendo o futebol?

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não jogo	145	40	185
Até 3h semanais	66	58	124
Entre 3h e 6h semanais	13	37	50
Entre 6h e 9h semanais	5	18	23
Mais que 9h semanais	1	14	15
Sem Resposta	2	4	6
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

¹⁵ Os Jogos Escolares de Minas Gerais constituem uma ação do Governo de Minas Gerais, realizado por meio da Secretaria de Estado de Esportes e da Secretaria de Estado de Educação. A execução da competição é de responsabilidade da Federação de Esportes Estudantes de Minas Gerais (FEEMG), selecionada em Sessão Pública para firmar Termo de Parceria. Informações retiradas do site do evento. Disponível em: <http://jogos Escolares.esportes.mg.gov.br/jemg/>. Acesso em: 12/06/2019.

Dos resultados encontrados, o destaque foi para a concentração de jovens assinalando que sua prática dura até três horas semanais, representado mais da metade do total dos que jogam futebol.

Essa prevalência da menor fração estipulada pode estar ligada, além da opção por jogar somente esse tempo determinado, ao número expressivo de jovens que disseram que têm, na escola, um espaço de prática. Essa possibilidade pode ser remetida às aulas de Educação Física, reconhecidas, entre outras atribuições, como tempo de práticas esportivas no período escolar. Outro ponto que subsidia esses resultados é a disponibilidade de espaço para que joguem. Mesmo sendo moradores de cidades pequenas, os voluntários não são os únicos usuários dos espaços disponíveis para prática. Pode ser que a construção de mais espaços para a prática aumente a possibilidade de acesso, principalmente no caso das meninas, que jogam em menor número e por menos tempo.

3.3 O torcer dos estudantes no campo estudado

Para além de jogar, o torcer também é uma forma de vivenciar o futebol. “Ainda que existam torcedores não praticantes, é raro encontrar praticantes que não tenham seu clube do coração” (DAMO, 2001, p. 87). Torcer é algo contagiante, mexe com os ânimos de quem está envolvido, tanto individual quanto coletivamente, pois está atrelado ao apego (pelo seu clube) e geralmente à aversão (pelo seu adversário), em muitos casos, expressado como uma marca social. Essa condição é exercitada nas arquibancadas, bares, momentos familiares, nos círculos de amizades, de trabalho e em outras situações, como em um momento de empatia com o outro desconhecido, quando em contato visual caso ele esteja usando a camisa do time que você torce, ou a sensação contrária caso esteja com a camisa do rival.

O engajamento do torcedor faz parte do mundo do futebol e é uma das situações que faz o esporte ser tão representativo. Sem querer esgotar a questão, Damo (2001) desvela que torcer é um ato político atípico, pois pode ser coletivo ou individual, ou mesmo um oposto entre frações de um coletivo. Torcer pode exceder o jogo e o amor pelo clube, como exemplo, as torcidas organizadas que simbolizam bem essa questão. Estas formas de organização buscam se diferenciar dos torcedores “comuns” – através da militância – e buscam diferenciar-se entre si –

entre outras maneiras, através da intensidade, marcam presença pelos cânticos, pelas bandeiras e por outras manifestações que carecem de um envolvimento coletivo.

Ao pensar em torcedores, “uma imagem natural seria a de projetá-los na arquibancada, no espaço físico próprio do jogo, o lugar pensado e construído para tal” (RIBEIRO, 2015, p. 01). Porém, estar presente na rotina de um time de futebol é uma possibilidade para poucos, isto é visto quando se compara o número de torcedores que manifestam o seu torcer com os que sentam nas arquibancadas. Assim, mostra que os milhões que se declaram torcedores dos principais clubes nacionais são representados pelos poucos milhares que frequentam os estádios durante os jogos.

Tal reflexão demonstra que existem algumas barreiras para ser um torcedor presente ao lado do time, podendo elas serem sustentadas por meio de possibilidades e dificuldades de origem econômica, geográfica ou mesmo social. Ribeiro (2015) cita alguns exemplos, como: “a maior oferta de transmissões televisivas; os preços cada vez mais altos dos ingressos; a violência das torcidas organizadas”, e muitas outras que exploram as várias facetas do torcer.

Partindo desses apontamentos, uma parte do questionário foi direcionada para conhecer como se dá o torcer desses jovens moradores de pequenas cidades do interior de Minas Gerais. Par tal propósito, a primeira pergunta direcionada questionou se o respondente torcia por algum time, opção que não demarcava em qual divisão a equipe joga, a nacionalidade, ou qualquer outra característica limitadora.

Tabela 13 - Você torce por algum time de futebol?

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não	40	31	71
Sim	192	140	332
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Os resultados sobre o torcer revelam, em uma primeira impressão, que, independentemente de as meninas quererem jogar ou não terem oportunidade para tal, elas manifestaram torcer tanto quanto os meninos, indo contra o número apresentado quando se analisou o jogar futebol. Olhando nesse sentido, permanece a inquietação da baixa ocupação das meninas no espaço e no tempo do jogo de futebol.

Retornando aos dados, na busca pelas informações do torcer, a mesma questão ofereceu a possibilidade de citar para qual time torciam, caso tivessem se afirmado torcedores. As respostas variaram entre 12 equipes, onde puderam ser divididas nas seguintes categorias: Times nacionais que disputam a primeira divisão do Campeonato Brasileiro em 2018, sendo citados, Atlético Mineiro, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Palmeiras e São Paulo; equipes europeias, sendo citadas, Barcelona, Paris Saint Germain e Real Madrid; equipe local, sendo citado o clube Leões da Serra, da cidade de Serra da Saudade; e seleção de outro país, onde o selecionado uruguaio foi mencionado.

Com exceção do time local da cidade de Serra da Saudade, todos os outros times estão localizados a uma distância mínima de 240 km. Para tal afirmação, foi usada como referência a distância entre a cidade de Belo Horizonte (que abriga dois dos clubes citados pelos jovens) e a cidade mais próxima dentre as estudadas. As demais equipes se encontram em distâncias maiores, que projetadas nas reflexões que seguem, maximizam os apontamentos.

Tendo conhecimento de que é necessário um investimento financeiro para acessar esses times e seus jogos, o valor do ingresso e o deslocamento até o local do jogo foram algumas das alternativas citadas para entender quais dificultadores se fazem presente na relação entre os jovens e o time para o qual eles torcem, no desejo de acompanhar as disputas no estádio.

Tabela 14 - Quais as dificuldades que você encontra para acompanhar seu time no estádio?

	Não	Sim	Sem Resposta
Custo da Viagem	185	215	3
Horário da Partida	359	42	2
Meu Time é de Outro Continente	395	6	2
Valor do Ingresso	315	85	3
Meu Time é de Outra Cidade/Estado	318	83	2

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Nesta questão, os voluntários poderiam assinalar quantas opções achassem necessárias. O fato da opção mais assinalada ter sido o custo da viagem, sendo conhecida a localização dos times para os quais os jovens torcem, a alta adesão a esta opção é compreensível. Algumas destas respostas se justificariam mesmo se esses jovens fossem moradores de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, onde estão os times por eles citados, porém, a localização das cidades pesquisadas é um dificultador para que eles possam acompanhar seus times nas arquibancadas.

Olhando sob a ótica das cidades pesquisadas, o custo do ingresso é um fator que varia pouco, caso o torcedor morador destes municípios o compre pelas mesmas vias que os demais torcedores. Pela internet, por exemplo, o preço independente de ser alto ou baixo, será o mesmo para ambas as situações. Essa questão sofre interferências por conta das outras opções de compra do ingresso, pois, além da internet, os torcedores podem se dirigir aos postos de vendas físicos, uma facilidade maior para quem está na mesma cidade em que ocorrem os jogos.

Os demais pontos são mais sensíveis à localização do torcedor. O horário de realização da partida pode acabar sendo um entrave para quem está a 240 km ou mais da cidade mais próxima do time que torce. O tempo dedicado para chegar ao estádio e retornar para a casa requer um deslocamento que, além do trânsito local nos arredores dos estádios, é acrescido do deslocamento adicional. Projetando essa situação para um jogo de quarta-feira, que, no horário geralmente colocado, termina por volta de 23h30min, é preciso um empenho considerável para quem mora distante e pode ter aula na manhã seguinte, trabalhar ou mesmo não ter autorização dos pais – a maioria dos participantes desta pesquisa têm menos de 18 anos.

Essa viagem mais longa também remete a um custo. Fazendo novamente um paralelo com a cidade de Belo Horizonte, o morador local, muitas vezes, pode se resolver a questão da chegada ao estádio caminhando ou pagando um valor total de

R\$ 9,00 em passagens de ida e volta em ônibus do transporte público urbano¹⁶, para citar custos mais baixos dentre muitas possibilidades. Partindo de outras cidades, para assistir a um jogo na capital mineira, esses valores sobem, fazendo da chegada ao estádio e o retorno para casa percursos mais onerosos.

Uma última opção sobre o tema foi colocado no questionário de forma que os participantes pudessem dar suas justificativas pessoais quando não eram contemplados pelos motivos propostos nas opções ou queriam adicionar algum que representasse sua situação. Essas respostas, brevemente separadas em categorias de afinidades, puderam ser classificadas em quatro grupos: violência nos estádios; falta de autorização para viajar sozinho; ocupação; falta de interesse.

A questão da violência passa por alguns pontos de reflexão. As experiências sobre a violência nos estádios passam muito pelo o que se apresenta na mídia, que não é o todo do que realmente é. Como o registro de violência pela mídia é relativamente baixo, se comparado ao número de jogos que ocorrem a cada ano, essa impressão pode ser enviesada pela repetição massiva desses fatos ocorridos em grandes centros e que, comparados aos quadros de registros criminais das cidades estudadas, tomam proporções diferentes.

Por se tratar de um estudo com alunos do ensino médio, em que a maioria não tinha completado 18 anos e legalmente são dependentes de um responsável, portanto, precisam estar acompanhados ou carecem de uma autorização prévia, ou mesmo um consentimento informal para fazer o percurso e desfrutar de todo o processo que envolve um jogo de futebol.

Pela barreira da ocupação, as obrigações escolares já tomam um tempo considerável da rotina semanal dos voluntários e essa demanda ainda é acrescida pelo conhecimento de que quase 45% deles realiza alguma atividade remunerada. Em uma lógica simples, as atividades remuneradas os traria dinheiro, mas, ao mesmo tempo, tomaria parte do seu tempo. Esse dificultador é reforçado pela distância que os mesmo se encontram de seus times, que acaba envolvendo, entre outras questões, o tempo gasto para ir e voltar para o estádio.

A última categoria remete ao apontamento do não desejo de ir ao estádio, algumas vezes citado literalmente como “não tenho vontade”. Como não houve

¹⁶ A tarifa fixada pela BHTrans, responsável pelo transporte público na cidade de Belo Horizonte, era de R\$ 4,50 na data que o trabalho foi escrito. Informação retirada do sítio online da Prefeitura da capital mineira. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/bhtrans/informacoes/transportes/onibus/-tarifas-e-integracao>. Acesso: 20/03/2019.

aprofundamentos nas questões, o que é possível supor, em um primeiro olhar, é o simples e puro desejo de não ir ao estádio, independente se é sob influência de todos os pontos dificultadores levantados e que podem estar naturalizados socialmente ou não. O fato é que esse torcedor, de alguma forma, não atrela o ato de torcer com a ida ao estádio.

Na busca pela identificação das barreiras para se acompanhar seu time no estádio, outra pergunta presente no questionário trouxe resultados que fizeram com que essa categoria se tornasse um pouco mais palpável. A questão contemplava as experiências dos entrevistados em estádios, do município, de municípios vizinhos e de ligas profissionais.

Tabela 15 - Você já foi a um estádio para assistir a uma partida de futebol de liga profissional?

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não	221	145	366
Sim	10	26	36
Sem Resposta	1	0	1
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Dessa questão, os dados resultantes da opção sobre já ter ido a um estádio de ligas profissionais mostraram que menos de 9% dos estudantes respondeu já ter vivido essa experiência. Mesmo não tendo havido questionamentos específicos sobre a frequência com que ocorreu ou ocorre essa incursão, ou mesmo se ela ocorreu mais que uma vez, frente aos 332 que afirmaram torcer por um time, esse número obtido mostra que os jovens torcedores das cidades pesquisadas, em sua maioria, não são torcedores que não acompanham seu time no estádio.

Se uma maioria dos que disseram torcer por algum clube não foi ao estádio, o torcer se manifesta, então, por outras vias. Para tomar conhecimento dessas possibilidades, algumas opções foram propostas a eles, sendo que poderiam ser assinaladas quantas alternativas julgassem necessárias.

Tabela 16 - Como você acompanha seu time?

	Não	Sim	Sem Resposta
Vou ao Estádio	393	8	2
TV	111	288	4
Rádio	338	63	2
Internet	210	190	3
Impresso	331	69	3

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Como previsto, uma minoria citou a ida ao estádio como forma de acompanhar o time para qual torcem, sendo esse número menor do que o apresentado anteriormente (Tabela 15). As cidades pesquisadas não têm bancas de jornal e revista, e a circulação periódica é restrita a assinaturas particulares ou ao comércio de jornais¹⁷ em recintos destinados a outras atividades, como padarias, açougues ou lojas de variedades. O rádio é um veículo que aderiu às multiplataformas, estando em aparelhos celulares, na internet, além do tradicional aparelho de rádio. Isso pode justificar a utilização da internet como o segundo mais citado dentro das opções oferecidas.

A internet é um veículo que agrega diversas formas de difusão midiática. Nela, é possível acessar a versão digital do jornal impresso, ouvir e, em alguns casos, assistir às transmissões radiofônicas, acessar conteúdos exclusivamente digitais e alguns canais de televisão, tudo isso em um só equipamento (seja ele um computador, um *tablet*, um telefone celular ou mesmo um aparelho de TV). Essa amplitude de possibilidades pode justificar o triplo de afirmativas nesta opção, se comparada à mídia impressa ou ao rádio.

Porém, nem tudo na internet é de graça. Para assistir a alguns canais de TV ou acessar conteúdos de jornais, por exemplo, é necessário possuir uma assinatura paga. Essa necessidade acaba se tornando uma barreira para quem tem acesso à internet, que também é um serviço pago. Dentro das alternativas gratuitas da internet, as redes sociais são opções interessantes para acompanhar o futebol, e não só o time para o qual se torce, visto que há um investimento nessa perspectiva de comunicação entre a equipe e sua torcida.

A interação rápida proporcionada pelas mídias sociais, de maneira expressiva, foi algo aproveitado pelos clubes de futebol. Os próprios são produtores

¹⁷ Foi tomado nota do comércio dos jornais “O Tempo” e “Super Notícias”.

dos seus conteúdos e os entregam diretamente ao seu torcedor, sem passar pela opinião de jornalistas de outros veículos não vinculados ao clube. Jornais, revistas e canais de TV também seguem essa tendência, mantendo páginas nas mídias sociais com mais adesão, sendo uma forma de difundir uma informação breve ou uma chamada para uma produção maior em seus *sites*.

Por último, dentre os veículos apontados como meio para acompanhar o time que torce, aparece a TV. Sendo um veículo que traz a opção da imagem, além do som – em comparação ao rádio –, ou que tem mais possibilidades de gratuidade em relação ao serviço de internet, por exemplo, ou que todas as cidades deste estudo oferecem a retransmissão de canais abertos para a população, pode ser uma justificativa da adesão desse veículo por 288 dos entrevistados, que não precisam pagar uma mensalidade para acessar ao conteúdo.

Sendo a TV o veículo mais citado pelos voluntários da pesquisa como forma de acompanhar seu time, logo, é entendida como um meio importante para quem torce e acompanha futebol nas cidades estudadas. Não só pelo torcer, mas também pelo assistir sem esse compromisso, faz-se necessário uma discussão mais aprofundada deste equipamento.

3.4 O futebol na TV: para além do torcer

A televisão pode ser uma saída para os torcedores que não frequentam os estádios. Com imagem e som fidedignos, torna-se um apelo a muitos fãs do futebol, na qual “as diferentes câmeras acompanham as jogadas (ou outros lances), enquanto a voz em *off* do narrador define o que está acontecendo” (GASTALDO, 2005, p. 114). Com a possibilidade de transmissões pela televisão, abertas ao público em geral ou por meio de pacotes de programação que podem ser adquiridos junto a uma operadora de TV por assinatura, a oferta de jogos se torna imensa, favorecendo assim uma “virtualização do espaço” (QUEIROZ e SILVA, 2018, p. 174). Assim, o estádio “entra na casa” do torcedor, fazendo dessa oferta uma alternativa para os torcedores que não têm a possibilidade de acompanhar seu time no estádio ou que preferem assistir em casa.

Vinculado não só ao ato de torcer, o estudo buscou saber qual era a adesão dos jovens a esse veículo para acompanhar o futebol de maneira mais ampla, incluindo, além dos jogos do seu time, programas esportivos e jogos de outros times.

Tabela 17 - Você assiste futebol na TV?

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não	41	29	70
Sim	187	138	325
Sem Resposta	4	4	8
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Assistir futebol na TV é outro ponto em que meninas e meninos se encontram parelhos, já que os percentuais de quem tem esse hábito dentro dos dois grupos é idêntico. O número de mulheres que assistem futebol na TV reforça o entendimento de que manifestações que não envolvem uma disputa direta por um espaço de vivência, como o horário de uso de um campo de futebol, por exemplo, não resultam em discrepâncias entre os gêneros. Sobre assistir futebol na televisão, em uma primeira avaliação, o número de pessoas que assistem supera o número dos que disseram usar o equipamento para acompanhar o time que torce (Tabela 16). Sendo assim, em alguma medida, assistir futebol na TV não está totalmente atrelado com torcer por algum clube.

Tabela 18 - Você tem hábito de se reunir com outras pessoas para assistir jogos fora de casa e do estádio?

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não assiste	27	28	55
Não	132	74	206
Sim	69	69	138
Sem resposta	4	0	4
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Quanto ao hábito de se reunir e assistir a jogos de futebol fora de casa, os resultados mostram que ele está presente. Além de conhecer o hábito de se reunir fora de casa ou do estádio para assistir aos jogos, o questionário também quis saber que tipo de lugares é frequentado para esse fim. Das respostas obtidas, 62 entrevistados apontaram o Bar como esse ponto de encontro; a Casa de Amigos teve 51 apontamentos; com 11 apontamentos apareceu a Casa de Familiares; com

cinco, Restaurantes; com três Lanchonetes; e, com dois, Pizzaria, Lugares Públicos e *Lan House*.

O hábito de se reunir fora de casa para assistir futebol se mostrou plural, tendo meninas e meninos com o mesmo número. Mesmo não tendo sido feitas observações nos espaços e não sendo o bar o único, muito embora seja o local mais citado, tal resultado não corrobora as observações feitas por Abrantes e Silva (2016). Neste estudo, os autores mencionaram um dos ambientes em que pessoas se reuniam como sendo frequentado somente por homens, assim como Alves, Neto e Ladislau (2018, p. 04) que citam “um visível predomínio masculino” nos bares estudados em Montes Claros - MG.

Tabela 19 - Quais jogos você assiste com maior frequência na TV?

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não assisto	43	26	69
Jogos do meu time	163	107	270
Jogos de outros times	20	26	46
Sem Resposta	6	12	18
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Na distinção entre jogos e programas de TV, a pesquisa buscou saber quais jogos eles assistem com mais frequência. Em um primeiro olhar, parece uma questão lógica e, de fato, essa impressão foi confirmada com os dados finais, onde a relação entre quem assiste mais aos jogos do seu time foi um pouco mais de seis para um em relação a quem disse assistir mais a outros jogos.

O fato de o espectador buscar assistir mais aos jogos de outros times do que os de seu clube não significa que ele abre mão de assistir seu time jogando, sendo que a oferta de outros jogos é muito superior, principalmente levando-se em conta que uma equipe espera, no mínimo, três dias para realizar uma nova partida e, nesse intervalo, outras partidas de outros clubes acontecerão. Assim, o voluntário não está abdicando aos jogos do seu time, pelo contrário, pode estar agregando outros jogos ao seu hábito de assistir futebol na TV.

Para costurar os dados apresentados sobre a TV até esse momento, torna-se mais completo ter conhecimento de quanto tempo os jovens participantes da pesquisa dedicam para assistir televisão.

Tabela 20 - Quanto tempo você dedica a assistir futebol na TV?

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não assisto	56	29	85
Até 3h semanais	136	90	226
Entre 3h e 6h semanais	27	34	61
Entre 6h e 9h semanais	4	7	11
Mais que 9h semanais	3	8	11
Sem Resposta	6	3	9
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

A adesão é alta para ambos os sexos no que diz respeito ao apelo por assistir futebol na TV, sendo os meninos os que assistem por mais tempo. Alguns fatores podem estar relacionados ao tempo dedicado a assistir TV. Dentre eles, é importante considerar o fato da opção de não querer assistir, bem como a disponibilidade de acesso a esse conteúdo e as barreiras que os impedem de assistir (obrigações com outras ocupações, o não acesso a canais que ofertam esses conteúdos, regras familiares e outras situações que convergem no mesmo sentido).

De um modo geral, assistir futebol na TV é um hábito marcante no grupo pesquisado, mesmo que não seja com o intuito de torcer por algum time, o gosto por esse conteúdo é evidente tanto para meninos quanto para as meninas.

3.5 O futebol virtual: uma vivência real em uma projeção

O mundo dos *games* já é uma realidade que caminha para a sua quinta década. Desde o lançamento do Magnavox Odyssey¹⁸ até os dias atuais, os altos investimentos e o apelo dos consumidores fizeram com que os jogos virtuais popularizassem, extrapolando a exclusividade dos *videogames* e aderindo a outras plataformas.

Atualmente, os jogos virtuais contemplam uma gama de opções, buscando atender aos gostos variados dos clientes. Dentro desse mundo, o futebol virtual é mais uma possibilidade de aproximação com o futebol da vida real. O processo em

¹⁸ Magnavox Odyssey teve seu lançamento no ano de 1972 e foi o primeiro console dedicado aos jogos eletrônicos. Para saber mais, acessar: <https://www.magnavox-odyssey.com/>. Acesso em: 12/06/2019.

que se dá o jogo, com o avanço da tecnologia, busca, em cada nova versão, uma realidade sedutora em que:

O jogo eletrônico ilustra virtualmente a realidade não virtual de uma partida de futebol: o estádio, o gramado, os campeonatos, os jogadores, os sons que ouvimos ao assistir uma partida no estádio ou na televisão, os patrocínios e propagandas, as comemorações características de cada jogador (RODRIGUES, 2012, p. 228).

O fato de estar ali, sentado em frente a uma tela, não faz do jogador a parte passiva de todo o contexto envolvido jogo. Enquanto jogam, as pessoas representam vários papéis, cercam-se de tarefas e objetivos em múltiplas direções. Como pondera Pereira (2009, p. 88), é possível enxergar que os jogos de futebol virtual sejam, no momento da prática, não um abandono das experiências corporais e sim uma forma de “percepção, de imaginação, de convergência de linguagens, de construção de narrativas, de compartilhamento de universos de significados a partir e por meio do ciberespaço”.

Essa vivência pode representar, entre outras possibilidades, uma proximidade com o time para qual torce o sujeito/jogador, muitas vezes podada por motivos geográficos e econômicos, por exemplo. Ali, na tela, toma-se decisões em todos os âmbitos do jogo (QUEIROZ e SILVA, 2018). Esta “dinâmica do jogo eletrônico está intimamente associada não apenas às relações que os sujeitos estabelecem com o aparelho, mas também com o próprio futebol, manifestação cultural” (PEREIRA, 2009, p. 90), que coloca o jogo virtual e o jogo físico como complementares entre si.

Fora da tela, enquanto disputam partidas virtuais, os jogadores têm a possibilidade de reproduzir outros momentos que permeiam o mundo do futebol. Quando “vivenciam essa prática, portanto, lado a lado, dividindo o *videogame*, a televisão, o espaço, um terreno fértil para se estabelecer relações diversas” (RODRIGUES, 2012, p. 226), assim como no estádio ou em qualquer ambiente em que aconteça um jogo de futebol, fatalmente, em algum momento, haverá debates sobre o jogo e/ou os contextos que ele envolve. Das afinidades às discordâncias, no virtual, assim como no real, as relações em torno do futebol são construídas.

Tendo conhecimento de algumas possibilidades ao jogar futebol virtual, sabendo que é uma opção mais recente se comparada com outras formas de envolvimento com o esporte, e sobre a evolução dos jogos de futebol virtual, que, atualmente, buscam reproduzir com máxima fidelidade o que acontece no futebol da

vida real, não só na reprodução gráfica, mas em vários outros aspectos que permeiam o esporte, foi questionado aos voluntários qual era o envolvimento deles com essa modalidade.

Para conhecimento da realidade dessa prática, a primeira pergunta disposta para os voluntários da pesquisa questionava apenas se eram praticantes do futebol virtual, sem distinção de locais ou equipamentos.

Tabela 21 - Você joga jogos eletrônicos relacionados ao futebol?

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não	170	46	216
Sim	59	121	180
Sem Resposta	3	4	7
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Essa vivência tem uma adesão considerável por parte dos jovens. Para fins de comparação, esse percentual é relativamente próximo aos 51,6% os que vivenciam o jogo real (Tabela 7). Por outro lado, a interpretação dos dados mostra que a quantidade de meninos que afirmam jogar futebol virtual é superior ao número de meninas, considerando o número de praticantes distinguidos pelo sexo e dentro da população investigada.

Essa representatividade do número de meninos praticantes, que quase alcança o triplo de meninas, alimenta uma incógnita. Em pesquisa nas páginas da Confederação Brasileira de Desportos Eletrônicos (CBDEL)¹⁹ e da Confederação Brasileira de Futebol Digital e Virtual - CBFDV²⁰, alguns pontos corroboram a baixa participação ou adesão das meninas.

No caso da CBDEL, a organização se coloca como uma instituição organizadora e burocrática no papel que se propõe. Não foram encontradas nenhuma referência ou distinção de gênero nos textos e notícias divulgados, porém,

¹⁹ Que, em seu sítio eletrônico, se definem como “a entidade de administração dos esportes eletrônicos (eSports) no Brasil. Tendo o atleta de eSports como nosso foto principal, criamos, regulamentamos e operamos o esporte eletrônico institucional em todas as suas categorias”. Disponível em: <https://cbdel.com.br/portal/index.php>. Acesso em: 12/06/2019.

²⁰ A CBFDV - Confederação Brasileira de Futebol Digital e Virtual foi fundada em 2005 e tem sede em Brasília. Foi criada com a função de regulamentar e organizar a prática do Futebol Digital através da seleção dos melhores atletas virtuais do Brasil, reunidos anualmente em um único evento nacional intitulado Campeonato Brasileiro de Futebol Digital. Informações retiradas do site da CBFDV. Disponível em: <http://e-sporti.com.br/organizacao/CBFDV>. Acesso em: 12/06/2019.

nos postos mais altos da direção e as imagens veiculadas em notícias e eventos na página da entidade, percebe-se a maciça presença masculina. Essa organização, em particular, se atém a várias temáticas de jogos virtuais, sendo o futebol uma delas.

Já a CBFDV, que é um órgão voltado para o futebol virtual especificamente, e ao contrário da outra entidade apresentada, tem em sua página uma relação dos afiliados em cada segmento. Na aba “organização”, apresenta três seguimentos com perfis de atletas afiliados, que somam 506 no seu total, onde somente dois perfis têm nomes femininos. Nas notícias vinculadas na página, apesar de não haver distinção de sexo, alguns textos lidos usam substantivos masculinos para se referir aos sujeitos e, para falar das competições, não há a designação se as mesmas são mistas, femininas ou masculinas.

Na pesquisa realizada por Rodrigues (2012) na Federação Luziense de Futebol Digital – FLFD, todos os membros da mesma eram do sexo masculino, bem como todos os campeonatos frequentados pela autora frequentou não contavam com nenhuma mulher jogadora. A presença feminina era representada pelas esposas ou namoradas dos jogadores.

Em estudos sobre a violência de gênero contra mulheres nos esportes virtuais, Menti e Araújo (2017) levantam pontos que podem levar a um entendimento sobre o quadro representativo de mulheres jogadoras. Segundo as autoras, o ambiente dos jogos digitais *online* é carregado por atos hostis de homens contra as mulheres jogadoras, afastando-as do meio ou levando-as a se esconderem atrás de apelidos masculinos em seus perfis.

De posse dos dados obtidos pela pesquisa e do material acima elencado, nota-se que o espaço virtual de jogos, dentre eles, futebol virtual é de vivência majoritariamente masculina, assim como visto no jogar futebol.

Continuando as análises, notou-se que o número de meninos que jogam futebol virtual é o mesmo que afirmou jogar o futebol. Porém, com o cruzamento de dados referentes a essas duas situações, algumas questões ficaram mais claras.

Tabela 22 – “Você joga futebol ou futsal?” x “Você joga jogos eletrônicos relacionados ao futebol?”

Meninos		Você joga jogos eletrônicos relacionados ao futebol?	
		Não	Sim
Você Joga Futebol ou Futsal?	Não	24	17
	Sim, jogo em um ou mais times locais e/ou regionais.	1	43
	Sim, jogo apenas como lazer, sem compromisso com times.	18	57
	Sem Resposta	3	4

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Analisando a partir das duas perspectivas de vivências, é notório que a maioria de meninos que joga futebol também joga futebol virtual, porém, as práticas não estão diretamente relacionadas uma à outra, visto pela presença de jogadores de futebol virtual que não jogam futebol e vice-versa. Por outro lado, os estudantes que jogam futebol e têm compromisso com equipes se mostraram mais envolvidos com o jogo virtual. Essa realidade apresentada pode ser justificada pelo empenho e o afeto com o futebol que é requerido para estar numa rotina de uma equipe, com seus treinamentos e jogos, movidos, principalmente, pelo gosto de jogar, já que não existem equipes profissionais nas cidades estudadas. Outro ponto que reforça o estreitamento da relação entre jogadores virtuais e quem tem compromisso com equipes é que, no grupo de jogadores sem compromisso com equipes, também há uma relação estreita entre as duas possibilidades, porém, em menor proporção.

Tabela 23 - "Você joga futebol ou futsal?" x "Você joga jogos eletrônicos relacionados ao futebol?"

Meninas		Você joga jogos eletrônicos relacionados ao futebol?	
		Não	Sim
Você Joga Futebol ou Futsal?	Não	120	23
	Sim, jogo em um ou mais times locais e/ou regionais.	8	9
	Sim, jogo apenas como lazer, sem compromisso com times.	42	26
	Sem Resposta	0	1

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

No caso das meninas, a relação não é tão estreita quanto acontece com os meninos. Também no caso delas, jogar futebol em alguma equipe indicou um maior percentual de jogadoras de futebol virtual.

Conhecido o apelo pelo futebol virtual, esse estudo buscou saber onde acontece essa prática. Foi perguntado aos entrevistados onde eles jogam. As opções colocadas reproduziam três possibilidades de locais comuns para a prática, além da opção “não jogar”.

Tabela 24 - Onde você joga futebol virtual?

	Não	Sim	Sem Resposta
Em Casa	230	167	6
Casa de Amigos/Família	325	74	4
Lan House	391	8	4

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Para análise, foram observadas as opções que trazem respostas afirmativas, pelo motivo dos dados virem de uma questão com opção de assinalar mais que uma alternativa. Das opções disponíveis, a *Lan House*, que é um espaço de acesso pago à internet, foi o local menos citado. Esses números apontam uma incongruência. Ao analisar esse espaço como um lugar para, principalmente, acesso à internet e jogos *online* mediante ao pagamento pelo tempo de uso dos equipamentos, poderia estar em outro estágio na participação da rotina de jogos virtuais dos jovens locais. Em trabalho realizado em uma comunidade do Rio de Janeiro, notou-se um movimento diferente, no qual a procura pelo espaço deixava filas de espera de até seis horas, motivando os donos a investirem em mais equipamentos (SCHULZ *et al.*, 2017).

As outras duas opções oferecidas, antes de serem quantificadas e analisadas, merecem uma observação. O que distingue a opção “casa” e “casa de amigos/familiares” é o fato de quem é o morador, se é da família do participante ou de terceiros, então, de alguma forma, o espaço de jogo está na casa de alguém, e não em um espaço de uso público (pago ou não).

Tais dados caminham para um possível entendimento de que, para vivenciar as possibilidades do futebol virtual, não é preciso sair de casa. Analisando o jogo de futebol, em que os envolvidos se encontram em algum espaço, seja ele específico para a prática do futebol ou não, o jogo acontece ali, permeado de relações sociais

que podem ser gestadas paralelamente. Desse ângulo, pode-se entender que ter uma vivência de lazer em casa acaba eliminando partes do processo das vivências coletivas.

Na contramão desse pensamento, Schwartz e Tavares (2012, p. 17) apontam que, diferentemente do que se pode presumir, estar dentro de casa não precisa significar, de fato, estar afastado dos outros e muitas relações são construídas durante o jogo, pois os “que jogam regularmente se encontram mais após as atividades da escola”. Assim, o que muda é o espaço, pensando da dicotomia casa/rua (em que a rua pode ser entendida como qualquer espaço de vivência), porém, o que pode ser diferente são os tipos das relações e com quem elas se dão. Em casa, entende-se que o grupo é formado para além da afinidade pela motivação de jogar, passando pelo convite do anfitrião. Na rua, mesmo existindo a afinidade da prática, não há controle restrito de quem estará presente no desenrolar das vivências.

Além de conhecer os espaços utilizados para a vivência do futebol virtual, a pesquisa também quis saber em que plataformas essas vivências se davam. Para distinção de qual equipamento é usado para jogar, a questão de múltipla resposta contava com opções de dispositivos (*videogame*; computador; e *smartphones*) e um campo para sugestão de algum outro equipamento não contemplado. Mais de uma alternativa poderia ser escolhida.

Tabela 25 - Quais tipos de equipamentos você usa para jogar futebol virtual?

	Não	Sim	Sem Resposta
Vídeo Game	280	117	6
Computador	331	65	7
Smartphone	260	133	10

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

De acordo com os dados oferecidos pelos voluntários, ninguém sugeriu um equipamento diferente, sendo apenas citados os três disponíveis na questão. Dentre os três equipamentos, o *videogame* é reconhecido como específico para jogos, porém, nos modelos mais atuais, eles oferecem outras possibilidades além do jogar. Mesmo assim, o número de menções ainda coloca o equipamento em evidência,

mesmo com o preço dos últimos modelos lançados mais consumidos superando o valor de dois salários mínimos.

Os outros dois equipamentos têm funções mais diversificadas, colocando os jogos como uma das muitas possibilidades de uso. Ambos, nos dias atuais, são muito parecidos em suas funções. O computador, geralmente atrelado à execução de tarefas, navegação na internet, entre outras funções, pode ter sido menos citado porque os jogos mais comuns nesses equipamentos são os de tiros e estratégias, que são jogados em rede com vários outros jogadores ao mesmo tempo. Outro ponto que pode ser um marcador para esse número é fato da similaridade das funções entre o equipamento e os *smartphones*.

Sendo os *smartphones* representantes da maior parcela dos equipamentos usados para jogos virtuais de futebol, entende-se que sua multifuncionalidade, mesmo sendo os demais equipamentos de múltiplas funções, aliada às suas características de mobilidade, ao preço mais baixo em muitos modelos, dentre outros fatores, pode justificar essa escolha. Outra possibilidade de análise remete ao fato de que equipamento, geralmente, é de uso pessoal e que, pelos níveis de internet oferecidos nas operadoras, principalmente as conexões residenciais com volumes de dados maiores ou ilimitados, pode justificar as residências como os locais mais utilizados para jogar.

Para jogar, existe uma demanda de tempo. Como uma possibilidade de conhecer esse tempo, o questionário continha uma pergunta específica sobre o assunto.

Tabela 26 - Quanto tempo você dedica aos jogos virtuais com a temática futebol?

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não jogo	164	46	210
Até 3h semanais	52	83	135
Entre 3h e 6h	8	25	33
Entre 6h e 9h semanais	2	8	10
Mais que 9h semanais	1	8	9
Sem Resposta	5	1	6
Total	232	171	403

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Ao observar os dados do tempo dedicado, nota-se que, na menor fração de tempo, está concentrada a maior parcela de meninas que jogam futebol virtual,

conseqüentemente, o apelo masculino fica evidente quando são observadas as frações maiores que três horas, onde os meninos são maioria em número e em percentual jogando futebol virtual.

Em um comparativo com o tempo dispensado entre jogar futebol (Tabela 12) e jogar futebol virtual, em ambos os casos, os que afirmaram jogar estão, em sua maioria, concentrados na faixa de tempo de até três horas semanais. Por outro lado, 41,0% dos que jogam futebol, entre meninas e meninos que disseram vivenciar essa prática, se dedicam mais de 3 horas semanais, enquanto a representativa do futebol virtual corresponde a 27,0%.

De conhecimento dos resultados, fica evidente que um maior percentual de meninos joga futebol virtual, bem como o fazem por mais tempo, traduzindo, assim, no que é expresso nas páginas das confederações e nos apontamentos indicados por estudos, que destacam que esta vivência ainda é eminentemente masculina. Por outro lado, quando comparados o tempo dedicado ao jogo de futebol e o tempo dedicado ao futebol virtual, é notória a vantagem do primeiro.

CAPÍTULO IV - ACRÉSCIMOS

4.1 Conclusão

A infraestrutura das cidades estudadas no presente trabalho mostrou-se um ponto relevante para o lazer cotidiano dos jovens pesquisados. Dentro da diversidade de cada cidade, algumas características estruturais e culturais são comuns, marcadas por traços fortes da ruralidade.

A prevalência da oferta de equipamentos de lazer por parte do setor público de forma gratuita coloca os cidadãos em uma condição de uso de seus direitos, no que remete ao subsídio do custo pela utilização dos espaços disponíveis, reduzindo uma barreira para quem anseia pelas vivências de lazer. Ao mesmo tempo, essa oferta pode limitar as opções de lazer, criando uma cultura em torno das possibilidades locais e fazendo com que os cidadãos que procuram algo diferente necessitem buscar alternativas fora da cidade onde residem.

Os estudos acerca do futebol, principalmente fora da esfera profissional, carregam características do meio em que ele é vivenciado e, por mais que haja influências externas, a essência local tende a deixar sua marca. Essa questão fica, em alguma medida, evidente nas atividades e ações que os estudantes voluntários apresentaram no decorrer da pesquisa, em relação ao tempo dedicado a essa vivência, bem como aos locais, aos equipamentos usados e a como é feito esse uso.

Como nas observações pessoais que motivaram o desenvolvimento dessa pesquisa, o futebol ainda é uma vivência de lazer com uma representação considerável dentro do campo pesquisado. Marcado por uma maioria de praticantes do sexo masculino, diferente das memórias que guardo, a presença das meninas jogando deixou de ser insignificante e passou a ter percentuais consideráveis, inclusive com a composição de equipes, talvez pelo incentivo de competições escolares e também a sucessiva luta pela quebra das barreiras que ainda rodeiam o contexto de mulheres jogando futebol.

O tempo gasto com o jogo de futebol tem uma alta concentração de até três horas de práticas semanais, sendo os meninos os que mais dedicam tempo à atividade. Esse futebol, jogado em pequenas proporções em terrenos baldios, zona rural e na rua, mostrou-se presente em maior dimensão nos equipamentos de lazer específicos para essa prática, as quadras e os campos do futebol das cidades.

A escola também aparece com destaque no que se refere a espaços de vivência do futebol. Esse dado mostra o quão é importante esse equipamento para a prática plural do jogo, principalmente para as meninas, que apontaram a escola como seu principal local de prática. Tais resultados abrem a possibilidade de uma pesquisa mais aprofundada para conhecer os meandros das meninas jogando futebol no campo pesquisado, onde os dados obtidos trouxeram elementos para discussões, mas não o suficiente para um entendimento refinado da situação.

Pode-se constatar que a relação dos jovens com o futebol é maior na condição de torcedor (a) do que na de jogador (a). Todavia, mesmo havendo muitos torcedores, poucos foram a um estádio de futebol assistir ao seu time. A distância e os custos são as principais barreiras para tal. O torcer acaba acontecendo através da internet, TV, mídia impressa e rádio.

Das evoluções tecnológicas, algo que pode ser considerado uma inovação é a internet, inacessível para a maioria da população das cidades pesquisadas até início dos anos 2000. Independente da qualidade do serviço prestado em cada cidade, a internet teve uma representação considerável nas alusões dos jovens torcedores. Tal plataforma abriga diversas formas de contato entre time e torcedor, desde a transmissão dos jogos, passando pelo noticiário sobre a equipe, inclusive com informações fornecidas pelos mesmos via mídias sociais, transmissão de canais de rádio e jornais digitais, promovendo um estreitamento, mesmo que virtual, da relação.

Como observado, a TV ainda é a fonte mais usada para promover a aproximação do torcedor com o seu time, desse modo, as relações são estreitadas todas as vezes que a equipe para qual o jovem torce aparece na grade de programação. O aumento da disponibilidade de jogos, principalmente em canais específicos, geralmente pagos, reforça esse processo, satisfazendo o desejo de torcedor. Não só pelo torcer, mas também pelo hábito de acompanhar o futebol, a TV se mostrou um equipamento de extrema importância.

O hábito de assistir aos jogos ou aos programas relacionados com o futebol na TV teve mais referências do que o número de jovens que se declararam torcedores. Seja pela gratuidade de alguns de seus serviços, da exibição de imagem e som ou pela tradição de assistir, esse equipamento ainda marca presença no cotidiano dos voluntários da pesquisa. Mesmo que a maior parte dos pesquisados se

dedique a até três horas semanais a assistir futebol na TV, é uma significativa forma de estreitamento da relação dos jovens com o futebol.

No filão das tecnologias que, de alguma forma, permeiam o gosto pelo futebol, os jogos virtuais são, hoje, uma realidade. Com campeonatos grandes, ações e gráficos cada vez mais próximos da realidade, o futebol virtual teve sua representatividade aludida na pesquisa. Mostrou-se como uma prática eminentemente masculina e que ocorre, na maioria das vezes, em casa.

Conhecidas as facetas do futebol através dos dados fornecidos pelos voluntários no campo estudado, é possível concluir que o futebol é uma vivência de lazer significativa para os estudantes do ensino médio das seis cidades contempladas na pesquisa. Da mesma forma, mesmo com a representatividade feminina, ficou marcada uma hegemonia masculina nas vivências, com exceções do torcer e do assistir futebol na TV que se dá principalmente em casa e longe dos estádios.

Tal quadro denota uma demanda de atenção para a situação das meninas. É importante buscar conhecer os motivos da baixa participação das mesmas em algumas atividades e compreender se isso ocorre por predileção ou por barreiras impostas para vivenciar em pé de igualdade com os meninos as possibilidades oferecidas pelo futebol.

No que toca ao setor público, sendo ele o responsável pela a maioria dos espaços de lazer disponíveis, cabe uma conservação dos equipamentos já existentes, bem como fazer as melhorias necessárias, caso exista a demanda. Da mesma forma, é preciso tornar esses espaços acessíveis para todos, meninos e meninas, democratizando as vivências em torno do futebol.

Traçado o panorama do futebol como vivência de lazer dos jovens estudantes e reconhecida a sua importância, alguns pontos suscitaram novas reflexões. A gratuidade dos espaços e dos equipamentos de lazer é uma barreira a menos para as vivências, porém, o estado de conservação, os investimentos aplicados e a demanda de utilização, também devem ser conhecidas. Dessa forma, respaldarão discussões e apontamentos para melhorias estruturais, construção de novos equipamentos e a melhor maneira de utilizar os mesmos, favorecendo os usuários dos espaços.

Sendo os espaços de vivência, físico e virtual, pouco democráticos no que remete principalmente ao acesso das meninas, identificar a causa de tais condições avançaria na construção de propostas para equilibrar essa situação.

As relações entre o torcedor e seu clube do coração podem acontecer de várias maneiras. Especificamente no campo pesquisado, estar na arquibancada não é uma delas, sendo recorridas a outras vias para vivenciá-lo. As maneiras de manifestar o torcer devem ser exploradas também longe das arquibancadas, desse modo, ampliando o leque de conhecimento dessa manifestação, muitas vezes, vinda da parte de alguém que nunca viu ou verá seu time de perto.

REFERENCIAS

ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; SILVA, Silvio Ricardo da. O futebol nos bares de Belo Horizonte: o torcer em uma cidade boêmia. In: **Movimento**, v. 22, n. 4, 2016.

ALVES, Priscilla; MELO, Nágela Aparecida; SOARES, Beatriz Ribeiro. Pequenas cidades da microrregião de Catalão (GO): reflexões sobre os municípios de Corumbaíba e Ouvidor (GO). In: **Horizonte Científico**, v. 3, n. 1, 2008.

ALVES, Rogério Othon Teixeira; NETO, Georgino Jorge de Souza; LADISLAU, Carlos Rogério. Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube como experiência de lazer em bares da cidade de Montes Claros. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2018.

BRASIL. INCA - Instituto Nacional de Câncer. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/>. Acesso em: 10/06/2019.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial do Desenvolvimento Social. Disponível em: <http://mds.gov.br/>. Acesso em: 11/06/2019.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. **Telecentros**. S/D. Disponível em: https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/-comunicacao/SETEL/inclusao_digital/telecentros/TELECENTROS.html Acesso em: 11/03/2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum – BNCC**. Brasília: MEC, CONED, UNDIME, 2018.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

BRITO, Fausto; HORTA, Cláudia Júlia Guimarães; AMARAL, Ernesto FL. A urbanização recente no Brasil e as aglomerações metropolitanas. In: **Open Science Framework Preprints**, agosto. 2018.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CAMARGO, Rosângela Andrade Aukar de; BUENO, Sônia Maria Villela. Lazer, a vida além do além do trabalho para uma equipe de futebol entre trabalhadores de hospital. In: **Revista Latino-americana de Enfermagem**, 11(4):490-8, jul./ago. 2003.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. Geografia e futebol? Espaço de representação do futebol e rede sócio-espacial do futebol. In: **Terr@ Plural**, v. 2, n. 2, p. 249-265, 2008.

CANIELLO, Márcio. O ethos sanjoanense: tradição e mudança em uma “cidade pequena”. In: **Mana**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.31-56, abr. 2003.

CBDEL. Confederação Brasileira de Desporto Eletrônico. Disponível em: <https://cbdel.com.br/portal/index.php>. Acesso em: 12/06/2019.

CBFDV. Confederação Brasileira de Futebol Digital e Virtual. Disponível em: <http://e-sporti.com.br/organizacao/CBFDV>. Acesso em: 12/06/2019.

CONMEBOL. Confederação Sul-Americana de Futebol. **Regulamento de licença de clubes**. 2018. Disponível em: <http://www.conmebol.com/es/regulamento-de-licenca-de-clubes-2018>. Acesso em: 12/06/2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, n. 30, p. 5-12, 2011.

COSTA, Antônio da Silva. Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade. In: LOVISARO, Martha; NEVES, Licy Consuelo (Orgs). **Futebol e sociedade: um olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. In: **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n.3, p. 82-91, 2001.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Educação e sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, v. 194, p. 136-162, 1996.

DIAS, Douglas Fernando; LOCH, Mathias Roberto; RONQUE, Enio Ricardo Vaz. Barreiras percebidas à prática de atividades físicas no lazer e fatores associados em adolescentes. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 3339-3350, 2015.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. Trad. Silvia Mazza e J. Guinsburg. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva: SESC, 2008.

GASTALDO, Édison. Uma arquibancada eletrônica: reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. In: **Campos-Revista de Antropologia**, v. 6, 2005.

GEFuT. Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas. Disponível em: <http://www.gefut.com.br/>. Acesso em: 11/06/2019.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Conheça as cidades e estados do Brasil**. S/D. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?-lang=&coduf=31&search=minas-gerais>. Acesso em: 11/04/2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil: uma primeira aproximação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

JEMG. Jogos Escolares de Minas Gerais. Disponível em: <http://jogosescolares.esportes.mg.gov.br/jemg/>. Acesso em: 12/06/2019.

LAGES, Carlos Eduardo Dias Munaier; DA SILVA, Silvio Ricardo. Futebol e lazer: diálogos e aproximações. In: **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 15, n. 1, 2012.

LÉFÈBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: EDUFMG, 1999.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Algumas aproximações entre lazer e sociedade. Animador Sociocultural. In: **Revista Iberoamericana**, v. 1, n. 2, p. 1-20, 2007.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. **La juventud es más que una palabra; Error! Marcador no definido**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata-Facultad de periodismo y Comunicación Social, 2006.

MATIAS, Thiago Sousa; ROLIM, Martina Kieling Sebold Barros; SCHMOELZ, Camilie Pacheco; ANDRADE, Alexandro. Hábitos de atividade física e lazer de adolescentes. In: **Pensar a Prática**, v. 15, n. 3, 2012.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. Expressão Popular, 2009.

MEIRELLES, Mauro. O Uso do SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) na Ciência Política: uma breve introdução. In: **Pensamento Plural**, n. 14, p. 65-92, 2014.

MENTI, Daniela Cristina; DE ARAÚJO, Denise Castilhos. Violência de gênero contra mulheres no cenário dos eSports. In: **Conexão-Comunicação e Cultura**, v. 16, n. 31, 2017.

MESQUITA, Amanda Pires de; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Pequenos núcleos urbanos: relação campo/cidade e vida cotidiana na vila de Pires Belo, Catalão (GO). In: **Espaço em Revista**, v. 16, n. 1, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? In: **Cadernos de saúde pública**, v. 9, n. 3, p. 237-248, 1993.

NOGUEIRA, Marly. As Pequenas Cidades De Minas Gerais: Uma Tipologia. In: **Geoiingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, v. 8, n. 2, p. 38-57, 2016.

NOVAES, Regina Célia Reyes; CARA, Daniel Tojeira; SILVA, Danilo Moreira da; PAPA, Fernanda de Carvalho (Orgs). **Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude; Fundação Friedrich Ebert, 2006.

PAULA, Heber Eustáquio de. A constituição dos sujeitos sociais a partir da participação nas formas culturais do lazer populares: o Sarandy Futebol Clube. In: **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa, Edição Especial, n.1, p. 1719-1730, 2012.

PELLEGRIN, Ana De. Equipamento de lazer. In: GOMES, Christianne Luce. In: **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

PEREIRA, Rogério Santos. O futebol no mundo dos games: reflexões sobre as representações digitais do corpo, movimento e esporte. In: **Fonte**, vol. 6, n. 09, p.87-91, dezembro, 2009.

QUEIROZ, Felipe Pereira de; SILVA, Mateus Alexandre. Ensaio e incursões num futebol pós-moderno. In: **Estudos do futebol em perspectiva: interdisciplinaridade e produção do conhecimento**. (Orgs) Silvio Ricardo da Silva, Sarah Teixeira Soutto Mayor, Georgino Jorge de Souza Neto. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2018.

REZER, Ricardo. Pressupostos orientadores para o ensino dos “futebóis” na educação física escolar. In: **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-87, setembro, 2009.

RIBEIRO, Lilian. “Sofanáticos”: o hábito de torcer e a privatização do espaço comum. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, 4 a 7 de setembro de 2015.

RINALDI, Wilson. Futebol: manifestação cultural e ideologização. In: **Journal of Physical Education**. v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000.

RODRIGUES, Mariana Alves. **À sombra das chuteiras virtuais: o futebol e lazer nas quatro linhas do jogo eletrônico**. [manuscrito] –. 96 f., enc., 2011.

RODRIGUES, Mariana Alves. **À sombra das chuteiras virtuais: Sobre as possíveis relações entre o futebol virtual e o não virtual**. In: SILVA, Silvio Ricardo da; OLIVEIRA, José Alfredo de; DEBORTOLI, Tiago Felipe da Silva (Orgs). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SANTOS, Anselmo Luís dos; GIMENEZ, Denis. Inserção dos jovens no mercado de trabalho. In: **Estudos Avançados**, v. 29, n. 85, p. 153-168, 2015.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**, v. 1, n. 1, p. 7-13, 1999.
SCAGLIA, Alcides José. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. 164p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2003.

SCHNEIDER, Sérgio. Território, Ruralidade e Desenvolvimento. In: VELÁSQUEZ LOZANO, Fabio.; MEDINA, Juan Guillermo Ferro (Editores) (Org.). **Las Configuraciones de los Territorios Rurales en el Siglo XXI**. 1 ed. Bogotá/Colômbia: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2009.

SCHULZE, Marianne Fatio; ARAUJO, Fábio Francisco de; CHAUVEL, Marie Agnes; SILVA, Renata Celi Moreira da; ROCHA, Ana Raquel Coelho. *Lan house: instrumento de lazer e interação em comunidades de baixa renda*. In: **Caderno Profissional de Administração da UNIMEP**, v. 7, n. 2, p. 101-121, 2017.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo Virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. In: **Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

SCHWARTZ, Gisele Maria; TAVARES, Giselle Helena. Lazer, relações humanas e tecnologia. In: MELO, Victor Andrade de; SCHWARTZ, Gisele Maria; FERES, Alfredo Neto (Orgs). **Lazer e Tecnologia**. Unijuí: Ijuí, 2012.

SILVA, Silvio Ricardo da; NETO, Georgino Jorge de Souza; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. Lazer, torcidas e futebol. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da (Org.). **Estudos do lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: APICURI, 2011.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. O canto das sereias: migrações e desafios de meninas que sonham ter o futebol como profissão. In: **Fazendo Gênero, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. Santa Catarina, 23 a 26 de agosto de 2010.

VERDE, Valéria Villa. **Territórios, ruralidade e desenvolvimento**. Curitiba: Iparde, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Questionário de Pesquisa O FUTEBOL ENQUANTO LAZER DE ESTUDANTES NO INTERIOR DE MINAS GERAIS

1. **Em caso de dúvidas, pergunte ao aplicador(a).**
2. **Data de nascimento:** ___/___/___
3. **Sexo:**
 Feminino; Masculino;
4. **Por quantas horas semanais você se dedica a essa atividade remunerada?**
 não tenho atividade; menos que 12h; entre 12h e 24h; Entre 12h e 36h; mais que 36h;
5. **Você faz algum outro curso além do Ensino Médio?**
 não; sim;
6. **Além do seu tempo na escola, quanto tempo você se dedica aos estudos semanalmente?**
 até 3h; entre 3h e 6h; entre 6h e 9h; mais que 9h;
7. **Quantas horas da sua semana você dedica ao seu lazer?**
 até 3h; entre 3h e 6h; entre 6h e 9h; mais que 9h;
8. **Em quais dias da semana se concentram suas atividades de lazer?** [Se necessário, marcar mais de uma opção]
 domingo; segunda; terça; quarta; quinta; sexta; sábado;
9. **O futebol é a uma das suas principais vivências de lazer?**
 não, qual? _____
 sim;

Prática do futebol:

10. **Você joga futebol ou futsal?**
 Não; Sim, jogo em um ou mais times locais e/ou regionais;
 Sim, jogo apenas como lazer, sem compromisso com times.
11. **Onde você pratica Futebol ou Futsal?** [Se necessário, marcar mais de uma opção]
 Não pratico; No campo/quadra da cidade; Na rua;
 Escola; Terrenos vazios; Campos na zona rural;
 Outros: quais? _____
12. **Quais tipos de jogos com a temática futebol você joga?** [Se necessário, marcar mais de uma opção]
 Não joga; Prática de futebol ou futsal, incluindo “pelada”;

() Jogos eletrônicos, incluindo smartphones; () Brincadeiras derivadas do futebol: Quais? _____

13. Quanto tempo dura a sua prática envolvendo futebol em geral?

() Não jogo; () Até 3h semanais; () Entre 3h e 6h semanais;
() Entre 6h e 9h semanais; () Mais que 9h semanais;

14. Para vivenciar suas práticas relacionadas ao futebol, você:

() Não pratico; () Preciso pagar para ter acesso aos espaços;
() Não preciso pagar para acessar os espaços;

Torcer no futebol:

15. Você torce por algum time de futebol?

() Não; () Sim, qual? _____

16. Quais dificuldades você encontra para acompanhar seu time nos estádios? [Se necessário, marcar mais de uma opção]

() Não tenho time; () O custo da viagem; () Horário da partida; () Meu time é de outro continente; () O valor do ingresso; () Meu time é de outra cidade/estado;
() Outros, quais? _____

17. Qual forma você utiliza para acompanhar seu time? [Se necessário, marcar mais de uma opção]

() Não tenho time; () Vou ao estádio; () Assisto na TV;
() Ouço pelo rádio; () Acompanho pela internet, aplicativos;
() Acompanho pela mídia impressa, jornais, revistas, etc.

18. Você já foi a um estádio para assistir uma partida de futebol?

() Não; () Do município, em jogos amadores;
() De outras cidades, em jogos amadores;
() Estádios com jogos de ligas profissionais [campeonato estadual, nacional, etc.];

19. Além do seu time, você acompanha o futebol em geral? [Se necessário, marcar mais de uma opção]

() Não; () Vou ao estádio de outros times profissionais;
() Vou ao estádio em jogos amadores; () Assisto pela TV;
() Ouço pelo rádio; () Acompanho pela internet; () Acompanho pelas mídias impressas;

20. Você acompanha futebol pelas mídias sociais? [Se necessário, marcar mais de uma opção]

() Não acompanho; () Facebook; () Twitter; () Instagram;
() Youtube; () Outros, quais? _____

21. Você assiste jogos de futebol em sites que retransmitem ilegalmente a programação da TV?

() Não; () Sim; () Não sei responder;

22. Você tem hábito de se reunir com outras pessoas em outros espaços, fora de casa ou do estádio, para assistir futebol?

() Não assisto; () Não;

() Sim, onde? _____

23. Você compra produtos relacionados com futebol?

() Não; () Sim;

24. Você compra produtos oficiais do clube que você torce?

() Não torço; () Consumo; () Não consumo, por falta de acesso; () Não consumo, pelo preço;

() Não consumo, por outros motivos: quais?

Assistir futebol na TV (jogos e programas esportivos):

25. Você assiste futebol na TV?

() Não; () Sim;

26. Que tipos de programas de futebol você assiste? [Se necessário, marcar mais de uma opção]

() programas com debates sobre futebol, mesa redonda, bancada; () programas de notícias sobre futebol;

() outros, quais? _____

27. Onde você assiste aos jogos e aos programas de futebol na TV? [Se necessário, marcar mais de uma opção]

() Não assisto; () Em casa; () Na casa de amigos/familiares; () Em locais públicos [bares, clubes, etc.]

28. Quanto tempo você dedica a assistir futebol na TV?

() Não assisto; () Até 3h semanais; () Entre 3h e 6h semanais; () Entre 6h e 9h semanais; () Mais que 9h semanais;

29. Quais jogos você assiste com maior frequência na TV?

() Não assisto; () Jogos do meu time; () Jogos de outros times;

30. A quais canais você tem acesso, em sua casa, para acompanhar o futebol pela TV?

() Não tenho acesso; () Globo; () Sportv; () Fox Sports; () ESPN;
() Bandsports; () Esporte Interativo/TNT/Space;

Futebol virtual:

31. Você joga jogos eletrônicos relacionados ao futebol?

() Não; () Sim;

32. Onde você joga? [Se necessário, marcar mais de uma opção]

() Não jogo; () Em casa; () Na casa de amigos/familiares;
() Lan house/espacos específicos;

33. Quais plataformas ou consoles você utiliza para jogos digitais? [Se necessário, marcar mais de uma opção]

() Não jogo; () Vídeo game; () Computador/notebook;

() Smartphone/tablet; () Outros: _____

34. Quanto tempo você dedica aos jogos virtuais com a temática futebol (em horas semanais)?

() Não jogo; () Até 3h; () Entre 3h e 6h; () Entre 6h e 9h;

() Mais que 9h;

35. Quais jogos de vídeo game, com a temática futebol, você joga? [Se necessário, marcar mais de uma opção]

() Não jogo; () FIFA Soccer; () PES; () Outros: _____

APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

O(a) seu(a) filho(a) ou responsabilizado(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“O Futebol Como Vivência De Lazer De Estudantes Do Ensino Médio Em Cidades Pequenas Do Interior De Minas Gerais”**. Coordenado pelo pesquisador Mateus Alexandre Silva, telefone (37) 98801-5575.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a relação do futebol como lazer de estudantes do ensino médio das cidades com até 5.000 habitantes na SRE de Pará de Minas; conhecer quais as vivências praticadas/fruídas com o futebol pelos estudantes do ensino médio destas cidades; conhecer o tempo destinado ao futebol como lazer dos estudantes; analisar as condições de acesso às vivências praticadas e fruídas do futebol; conhecer como se estabelece a relação dos estudantes com o torcer.

O entrevistado(a) somente participará da pesquisa se você aceitar e não há nenhum problema, desistir da participação após a assinatura deste documento. A pesquisa será feita na escola na qual ele(a) frequenta e será feita através de um questionário elaborado pelo pesquisador.

Serão tomados todos os cuidados possíveis para minimizar os riscos da pesquisa, através do tratamento ético de seus dados e procedimentos, bem como pela garantia do cumprimento das disposições estabelecidas neste documento. Um possível benefício da pesquisa relaciona-se com a investigação de um tema que poderá contribuir com o aprofundamento e ampliação de conhecimentos sobre os estudos do futebol e do lazer. Como possível risco oriundo da pesquisa, destacamos que as perguntas propostas no roteiro poderão abordar situações de seu cotidiano que, analisadas criticamente, podem ser mal interpretadas pelos entrevistados, gerando situações indesejáveis como constrangimento, desconforto, perturbação laboral e intimidação. Entretanto, assumimos a responsabilidade em prestar assistência integral aos sujeitos caso possíveis danos ocorram.

O termo seguirá em duas vias com espaço destinado para rubricas e em caso de dúvidas éticas o COEP poderá ser contatado em: COEP- UFMG, telefone (31) 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º Andar – sala 2005 – Campus Pampulha – Belo Horizonte – MG – CEP: 31270-901.

Os resultados da pesquisa serão utilizados na dissertação e em possíveis publicações científicas, mas levando em consideração o anonimato dos participantes. Assim, se você entendeu a proposta da pesquisa e concorda que o(a) seu(a) filho(a) seja um voluntário, favor assinar o protocolo abaixo dando o seu assentimento formal.

Belo Horizonte, ____ de _____ de _____.

Mateus Alexandre Silva
Pesquisador

Responsável pelo Voluntário

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**O Futebol Como Vivência De Lazer De Estudantes Do Ensino Médio Em Cidades Pequenas Do Interior De Minas Gerais**”, coordenada pelo Professor Doutor Silvio Ricardo da Silva, contando com a participação do mestrando Mateus Alexandre Silva.

Esta pesquisa tem como objetivo Analisar a relação do futebol como lazer de estudantes do ensino médio das cidades com até 5.000 habitantes na SRE de Pará de Minas. Além disso, procura Conhecer quais as vivências praticadas/fruídas com o futebol pelos estudantes do ensino médio das cidades com até 5.000 habitantes na SRE de Pará de Minas; Conhecer o tempo destinado ao futebol como lazer dos estudantes; Analisar as condições de acesso às vivências praticadas e fruídas do futebol; Conhecer como se estabelece a relação dos estudantes com o torcer.

Para a realização da pesquisa de campo utilizaremos a aplicação de questionários estruturados, que devem ser aplicados nas escolas, onde serão dispensados dados de identificação pessoal, exceto data de nascimento e sexo, garantindo o anonimato dos participantes. Para tanto, os dados coletados serão mantidos no Grupo de Pesquisa sobre Futebol e Torcidas - GEFuT da UFMG, por um período de 05 anos.

Serão tomados todos os cuidados possíveis para minimizar os riscos da pesquisa, através do tratamento ético de seus dados e procedimentos, bem como pela garantia do cumprimento das disposições estabelecidas neste documento. Para tal, destacamos que cada voluntário receberá uma via do TCLE devidamente assinada pelos pesquisadores e terá sua dignidade e autonomia respeitadas. Um possível benefício da pesquisa relaciona-se com a investigação de um tema que poderá contribuir com o aprofundamento e ampliação de conhecimentos sobre os estudos do futebol e do lazer. Como possível risco oriundo da pesquisa, destacamos que as perguntas propostas no roteiro poderão abordar situações de seu cotidiano que, analisadas criticamente, podem ser mal interpretadas pelos entrevistados, gerando situações indesejáveis como constrangimento, desconforto, perturbação laboral e intimidação. Entretanto, assumimos a responsabilidade em prestar assistência integral aos sujeitos caso possíveis danos ocorram.

Assumimos o dever de tornar público os resultados deste estudo e reiteramos nossa disponibilidade na prestação de esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa. Asseguramos total liberdade aos voluntários que poderão se recusar a participar ou mesmo retirar seu consentimento sem qualquer tipo de ônus para ambas as partes envolvidas (pesquisado e pesquisadores).

Disponibilizamos-nos através do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, GEFuT, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte/MG, através do telefone (37) 98801-5575 ou pelo e-mail mateusalsilva@yahoo.com.br.

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o COEP- UFMG, através do telefone (31) 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º Andar – sala 2005 – Campus Pampulha – Belo Horizonte – MG – CEP: 31270-901.

Assim, se você entendeu a proposta da pesquisa e concorda em ser voluntário, favor assinar o protocolo abaixo dando o seu consentimento formal. Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade.

Belo Horizonte, ____ de _____ de _____.

Mateus Alexandre Silva
Pesquisador

Voluntário

**APÊNDICE D – DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA
INSTITUIÇÃO DE ENSINO NA PESQUISA**

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO
NA PESQUISA: **“O FUTEBOL COMO VIVÊNCIA DE LAZER DE ESTUDANTES DO
ENSINO MÉDIO EM CIDADES PEQUENAS DO INTERIOR DE MINAS GERAIS”**

Eu _____,
diretor(a)/responsável pela Instituição de Ensino _____

localizada na cidade _____

ciente e autorizo a realização da pesquisa "O Futebol Enquanto Lazer de Estudantes no Interior de Minas Gerais" nesta Instituição. Declaro também que fui informado (a) de todo procedimento a ser realizado com os alunos e que a participação neste estudo não acarretará custos, tampouco vantagens financeiras para nenhuma das partes, bem como a retirada desta anuência, que poderá ser feita a qualquer momento.

Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Eu, _____,
portador do documento MASP _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo "O Futebol Enquanto Lazer de Estudantes no Interior de Minas Gerais", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste documento e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do responsável pela Instituição de Ensino

Assinatura do pesquisador